

AUTORES & LIVROS

1/2/1942
Ano II

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Nº. 4

Notícia sobre Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Bar- novamente eleito deputado por Pernambuco, re- nascido em Recife, Pernambuco, em 19 de agosto de 1849. Era filho do senador José Tomaz Nabuco de Araújo e de sua esposa, d. Ana Benigna. Com a proclamação da República, em 1889, Nabuco, irmão do marquês do Recife, o morgado do Cabo, Francisco Pais Bar- voto.

Estudou humanidades no Pedro II, e, bacharel em letras, em 1865, se- guiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Foi con- cluir o curso no Recife.

Formado em 1870, era, em 1876, nomeado adido de nossa legação nos Estados Unidos. Em 1879, era eleito deputado geral

Nabuco passou, depois, por sua província, vindo a ser o nosso embaixador e a residir no Rio de Janeiro. Sua entrada para a Câmara marcou o início de sua maravilhosa campanha em favor do Abolicionismo, causa na- cional, na defesa da qual ele tanto cresceu na admiração e no amor de todos os brasileiros.

De 1881 a 1884, Nabuco viajou na Europa. Re- gressando ao seu país, foi

timou-o uma hemorragia cerebral. Seu corpo foi conduzido, com soenidade excepcional, para o cemitério da capital americana, e depois veio para o Brasil, no cruzador americano "North Caroline".

Com a proclamação da República, em 1889, Nabuco retirou-se da vida pública, entregando-se a meditação e ao estudo.

O Brasil, porém, não podia dispensar os serviços de um homem da sua superioridade espiritual e cultural. E Campos Sales

conseguiu devolvê-lo a Recife lhe ergueu, em uma de suas praças públicas, uma estátua.

Bibliografia de Nabuco

A bibliografia de Nabuco é valiosíssima e muito extensa. Na impossibilidade de dali na íntegra, remetemos os leitores ao *Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro*, de Argeu Guimarães, que consigna 86 trabalhos diferentes do escritor. Aqui daremos uma lista dos trabalhos mais importantes que lhe devemos:

— *L'Amour est Dieu* — poesias líricas.

— *Camões e os Lusiadas*, Rio, 1872.

— *Le Droit au meurtre, lettre à M. E. Renan* — Rio — 1872.

— *Castro Alves (trinta páginas)* — Rio, 1873.

— *O Abolicionismo* — Lon- dris — 1883.

— *Campanha abolicionista no Recife — Eleições de 1884*, Rio — 1885.

— *Henri George*, Rio, 1884.

— *O erro do Imperador*, Rio, 1886.

— *Escravos* — Versos franceses com versão portuguesa — Rio — 1886.

— *Porque continuo a ser mo- naquista* — Londres — 1890.

— *Balmaceda*, Rio, 1895.

— *A intervenção estrangeira durante a revolta* — Rio, 1896.

— *Um estadista do Império*, (três tomos), Rio, 1899.

— *Minha Formação*, Paris e Rio, 1900.

— *Escritos e discursos literários*, Rio, Paris, 1901.

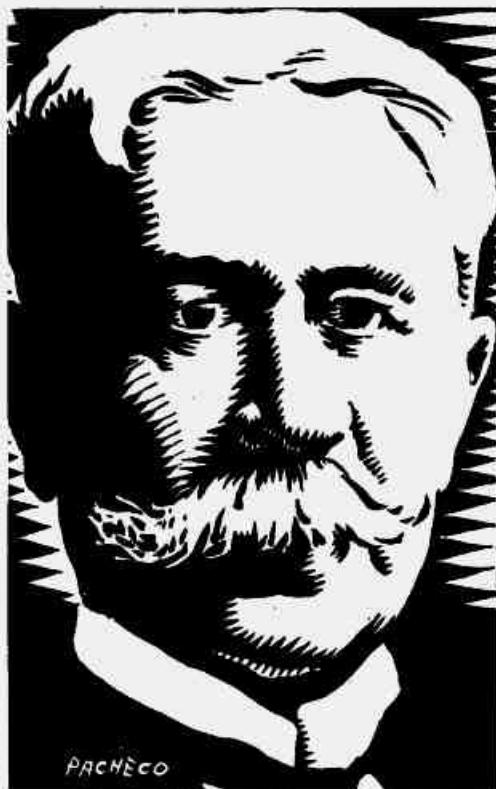
— *Pensées détachées et souvenirs*, Paris, 1906.

Várias memórias sobre as fronteiras do Brasil.

Várias conferências e discursos em inglês, feitos nos Estados Unidos.

— *L'Option* (drame en cinq actes), Paris 1910.

— *Discursos e Conferências nos Estados Unidos*, Tradução do inglês de Artug Bomilcar — Rio — 1911.



PACHECO

JOAQUIM NABUCO

SUMÁRIO

PÁGINA 49:

PÁGINA 58:

- Notícia sobre Joaquim Nabuco de Araújo, de Joaquim Nabuco.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.
- Joaquim Nabuco e a República — O drama de uma consciência, de James Dacey.

PÁGINAS 50 e 51:

- Algumas páginas de Minha Formação, sobre o movimento abolicionista, de Joaquim Nabuco.
- Joaquim Nabuco, de João Ribeiro.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.

PÁGINA 52:

- Uma visita a Manaus, de Múcio Leão.
- Opiniões sobre Joaquim Nabuco. Opinião de Ronald de Carvalho.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.
- Correspondência de escritores. Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha (fac-símile).

PÁGINA 53:

- Joaquim Nabuco, orador. Discurso de instalação da Academia Brasileira, pronunciado pelo Secretário Geral.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.
- Correspondência de escritores. Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha (fac-símile).

PÁGINA 54:

- Pensamentos soltos, de D. Milano.
- Joaquim Nabuco, de Afonso Celso.
- Sésinha, poema de Sara Souza, com ilustração de Santa Rosa.
- O Intermezzo de H. Heine.

PÁGINA 55:

- Nabuco, poeta. *Ans bravos de Riachuelo* — Dois sonetos de Camões: *Ines e Catarina e Apoteose*.
- Antecipação da Posteridade, de Xavier Marques (da Academia Brasileira).
- Um precursor brasileiro de Heine, de Ernesto Feder.
- Regresso dos Pátes Inexistentes, de Afonso de Oliveira e Guimaraens Filho.

PÁGINA 56:

- Curso de estudos da Amazônia. 4.ª aula — Geografia da Amazônia, de Afonso Varzosa.
- Elementos da Academia.

AOS LEITORES

— Os números deste suplemento, correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro de 1941, acharam-se completamente esgotados, e por isso não podemos atender aos numerosos pedidos dos colecionadores, que nos chegam de todo o Brasil.

Na redação de A MANHA, em mãos do sr. Rodolfo Leal Ferreira, encontram-se a venda algumas coleções completas desse publicação.

— Dadas as dificuldades de importação de papel, o presente número do suplemento, dedicado a Nabuco, saiu com apenas 15 páginas; quando havia de ser 32. Para que possamos compreender o estudo do grande brasileiro, ainda lhe dedicaremos, em outra edição de 16 páginas, o próximo suplemento.

— Pedimos aos leitores, em virtude do imenso acúmulo de matéria que está sobre a nossa mesa, que se abstêm de oferecer os originais.

Também prevenimos que, em hipótese nenhuma devolveremos os trabalhos que nos forem remetidos e não puderem ser devolvidos.

O ilustre brasileiro faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Vi-

sobre o movimento abolicionista - Joaquim Nabuco

... a capricho do furacão, seus propósitos ideais eram apagados, colinas de areia, que não levanta para logo desfazer. Bic, porém, foi a expressão da sua época; em certo sentido, a figura representativa de...

CAPÍTULO DO MOVIMENTO — A PARTE DA DINASTIA

A abolição teria sido uma obra de outro alcance se tivesse sido feita do altar, pregada de pulmão, prosseguida de grito em agradecimento pelo clero e pelos educadores da conciência, levantando o espírito revolucionário teve que executar em poucos anos uma tarefa que havia sido negligenciada durante um século. Uma grande reforma social quer, para ser agradável a Deus, que a alma do próprio imperador seja purificada em seu próprio lugar. São essas as preceitas que ele dirigiu e que lhe correspondem. A diferença é grande, mesmo para as empresas mais justas e mais belas, se levamos em conta o quanto de verdadeira caridade elas não se não empregam para avenir essa espécie de exílio do pessoal a que em moral se chama amor da humanidade. O reformador não venceu completamente só pela razão de justica que a sua idéia atraía, mas também pelo gênio de caridade que inspirava a abolição. A política é a arte de despertar as sementes; a religião, a de fôrtes preparar o terreno.

O movimento contra a escravidão no Brasil foi um movimento de caráter humanitário e social, antes que religioso; mas teve por isso a profundezas moral da corrente que se formou, por exemplo, entre os abolicionistas da Nova Inglaterra. Era um partido composto de elementos heterogêneos, capazes de destruir um estado social levantado sobre o privilégio e a injustiça, mas não de projetar sobre outras bases o seguinte edifício. A realização da sua obra passou assim naturalmente na sucessão do cativeiro, seu triunfo podia ser seguido, e não, de incidentes políticos, ainda de revoluções, mas não de medidas sociais complementares em benefício dos libertos, nem de um grande impulso moral, da renovação da conciência pública, da expansão dos nobres instintos apitados. A liberdade social só é fecunda, e sobre os direitos da escravidão refar-se, e com o tempo uma sociedade mais unida, de idéias mais largas, e é possível que ela produzisse seus criadores aquelas que não fizeram mais do que interromper a opressão que possidia aos antigos nascimentos os gêndros que assassinavam no Brasil o aparecer de mais uma camada social. A verdade, no entanto, é que a corrente abolicionista nascou no dia mesmo da abolição, e no dia seguinte refluxo.

Durante a campanha abolicionista, em uma das eleições em que fui candidato, um escravo, que parecia feliz, suicidou-se em uma fazenda de Canudos. Contou-me uma jovem amadora da família, anos depois, que perguntou por que fez isso, se tinha alguma dúvida, ele responderia ao senhor que não, que se mataria porque eu não tinha sido eleito deputado... Tenho a convicção que a raça negra por um plebiscito sincero e verdadeiro teria desistido de sua liberdade para poupar o menor desgosto aos que se interessavam por ela, e que no fundo, quando ela pensa no 15 de novembro, ainda acha um pouco seu 13 de maio. Não se poderia estar em contacto com tanta generosidade e dedicação sem lhe ter um pouco adquirido a marca. Desde a dinastia, que tinha um

trono a oferecer, ninguém que tentava tomar parte em sua liberdade, o sentia nunca. Não se lamento a emancipação de uma raça, a transformação imediata do destino de um milhão e meio de vidas humanas com todas as perspectivas que a liberdade abre diante das gerações futuras. Não há raças ingratas. "Senhor Rebouças, dizia a Princesa Imperial, a bordo do 'Alagoas', que os levava para o exílio, se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los".

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

De certo o exílio do Imperador foi triste, mas também foi o que deu à sua figura a majestade que a reveste... Não havia assim ainda que me faga olhar para a fase em que militava na política com outro sentimento que não seja o de uma perfeita gratidão... Não devo a dinastia nenhuma reparação; não tenho a capacidade de oferecer, a ninguém que tenha tomado parte em sua liberdade, o sentimento que a reveste... Não se lamento a emancipação de uma raça, a transformação imediata do destino de um milhão e meio de vidas humanas com todas as perspectivas que a liberdade abre diante das gerações futuras. Não há raças ingratas. "Senhor Rebouças, dizia a Princesa Imperial, a bordo do 'Alagoas', que os levava para o exílio, se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los".

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

De certo o exílio do Imperador foi triste, mas também foi o que deu à sua figura a majestade que a reveste... Não havia assim ainda que me faga olhar para a fase em que militava na política com outro sentimento que não seja o de uma perfeita gratidão... Não devo a dinastia nenhuma reparação; não

tenho a capacidade de oferecer, a ninguém que tenha tomado parte em sua liberdade, o sentimento que a reveste... Não se lamento a emancipação de uma raça, a transformação imediata do destino de um milhão e meio de vidas humanas com todas as perspectivas que a liberdade abre diante das gerações futuras. Não há raças ingratas. "Senhor Rebouças, dizia a Princesa Imperial, a bordo do 'Alagoas', que os levava para o exílio, se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los".

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum tristeza nesses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destruem mais o ritmo de um ciclo encantado... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atraçava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o quereria nunca, para cimentar o trono de seu filho... A classe proprietária ameçava passar-se toda para a República, seu palácio, seu estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande devere tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que ser aceito. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seuapanhio; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se devia parar diante de presságios; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posterioridade da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido de bem de mais para durar ininterruptamente... Não há tão extensos espaços de felicidade, nenhuma coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda desastrosa. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontrou, aos quinze anos, o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fô-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *non liquet*... Por último seu filho renunciou virtualmente o trono para apresentar a libertação dos últimos escravos... Caída reinado, contando a última regência da Princesa, como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendéncia do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção... E a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

(Continua na página 54)

Uma visita a Massangana - MÚCIO LEÃO

O nome de Massangana tem sido poca estranha para todos os que, no Brasil, amam a grande figura de Joaquim Nabuco. Foi o cugnho onde o apóstolo da Abolição viveu os seus primeiros anos. E é a esse engenho que ele dedica algumas de suas páginas mais comaridas e mais dores, nesse doce e conmigo livro que é a "Minha Formação".

"Os primeiros oito anos da vida foram, assim, em certo sentido, os de minha formação, iniciativa ou moral, definitiva. Passei esse período inicial, tão remoto, porém mais presente do que qualquer outro, em um engenho de Pernambuco, minha província natal. A terra era uma das mais ricas e pitorescas da zona do Caí. Nunca se me retira da vista esse pano de fundo, que representa os últimos longos de minha vida..."

"Emerson quisera que a educação da criança começasse cem anos antes dela nascer. A minha educação religiosa obedeceu certamente a essa regra. Ensinando a ideia de Deus no mais cestado de mim mesmo, como o sinal amante e querido de todas gerações. Nessa parte, a seria não um interrompida. Havia horas que passava de quebrar todos os meus eadres e, de preferência, as que outros tivessem criado para elas; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteiramente a menor das correntes que alguma vez me prenderam, o que faz que suporto cativos contrários, e menos do que as outras que me tivessem sido deixada como herança. Foi na pequena cemita de Massangana, que fiquei unido à minha..."

"Mês e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixara assim, o meu paraíso perdido, me pertencendo-lhe para sempre. Foi ali que eu casei, com as minhas pequenas mãos ignorantes, esse poço de infância insinuado na sua penéuza, que refreava o deserto da vida e da felicidade para sempre, em certas horas, um oasis sedutor.

"As partes adquiridas do meu ser, o que devo a este ou aquele, não se dispersa-se em direções diferentes; o que, porém, recebi diretamente de Deus, o verdadeiro eu saído das suas mãos, este ficará preso no canhão da terra onde responda aquela que me iniciou na vida..."

"Massangana ficou sendo o seio do meu óvulo íntimo; para impeli-lo, para determiná-lo, sendo preciso, para resgatá-lo, a voz, o frémido sagrado viria sempre de lá..."

"Tornei a visitar, doze anos depois, a capelinha de São Mateus, onde minha madrinha, dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, faz na parede do lado do altar"

"Assim, com esses acentos de ternura extrema, que ele se refere a "Massangana", através de um capitulo que constitue um dos trechos mais belos e mais emotivos da língua portuguesa.

Foi ali, no terraço da casa grande de Massangana, que Nabuco, criança, teve pela primeira vez, conforme ele próprio refere, o contacto com as miséria atroces da escravidão. Estava sentado em sua cadeira, quando os seus pés se precipitaram um negro fujido. Era um infeliz escravo, torturado por senhor brutal, que ia pedir à criança a misericórdia de livrá-lo das ocorrências. Desde esse dia, estava feita a mentalidade de Nabuco — e começado o aprendizado para as grandes horas da luta. das quais, em 13 de maio de 1888, ele se saiu tão maravilhosamente vitorioso.

O Massangana, somente por isso, é digno de veneração de todos os brasileiros.

O MASSANGANA ATUAL
Ora, viajando pelo interior de Pernambuco, um homem que guarda algum carinho pelo memória do campo de Abolição não poderá deixar de visitar Massangana. E nós, quisemos fazer essa peregrinação piedosa.

Massangana pertence hoje a uma usina, sob a firma de Brenan Irmãos e Cia. Vôhomas de Serrinha, de Rio Formoso, e de Ipojuca, regiões em que existem alguns engenhos mais belos do Estado, e finalmente recomendado ao chafueiro do auto que nos levava que não deixasse de nos advertir, quando chegássemos ao Massangana. Em certo momento, o auto parou a meio da estrada, de frente de uma porteira de pauzinho carcomido.

— Massangana é ali, disseram o "chafueiro", apontando para umas construções que estavam a alguma distância.

— Não há estrada que conduza até lá?

— Para automóvel não há, senhor. Só para a gente, há.

Detivemos o carro, e caminhamos para o cugnho de Nabuco.

Ali, o desolado! encontramos quase uma ruína. Com as preocupações dos lucros industriais, os vinhos de Pernambuco esqueceram que devem um pouco de carinho ao que é tradição e poesia.

O engenho onde Nabuco viveu, e onde ia assistir ao trabalho dos negros, não existe mais; foi destruído há anos. No lugar onde ele outrora se erguia e onde Nabuco brincava, passam hoje tristes vacas e saltam cabritos.

A paisagem parece ter-se contaminado de uma tristeza semelhante. E o novo rendeiro do engenho, o sr. Luís Caetano, que ali está há menos de um ano, só lamentamente pode ir procurando reconstituir certos aspectos perdidos da propriedade.

Pomo-nos a examinar tudo o que existia em Massangana, tudo o que constitui o encanto das oito anos de Nabuco. A casa

que era, quando Nabuco ali los históricos, repartição britânica dirigida pelo sr. Antônio Fernandes. Entrá no local não é mais o mesmo, e pensamento do diretor desses a arquitetura diferente. Ao serivis interceder junto à usina, hoje proprietária do "Massangana", no sentido de proteger a igrejinha de São Mateus.

"Paulino Pires Falcão mandou edificar em 1870".

A casa consta de largas e amplissimas peças desertas. A frente tem um vasto terraço de telhado, coberto de círculo. Esse terraço é copia do da casa em que Nabuco viveu.

Na frente da casa, duas estátuas mitológicas. A bem dizer, apenas uma; e esta mesma já está carcomida, ameacando próxima ruína. A outra, que adoravam ter sido Apolo ou Flora, já foi destruída. Está deitada ao solo, quebrada.

A CAPELA

Uma curiosidade maior, porém, nos mora no Massangana. Era ver a capela de São Mateus, aquela da qual Nabuco diria coisas tão encantadoras.

A capela ergue-se ao lado esquerdo da casa. Há uma estrada, que segue em direção a um outeiro. Lá em cima, a alguns metros de distância, rese a pequena igreja.

E' triste dizer-se — mas a capela, quase histórica, em que Nabuco deixou que os scultamentos católicos se aninhassem profundamente em sua alma, quase não existe mais! Os altares estão ameacando cair a todos os instantes. A base do altar-mor e uma formidável fonte de morges. Disse-nos o sr. Luís Caetano que é muito destruído porque cada morgo que morre se multiplicava em cementes de outros. O coro não pode mais ser alcançado. Está com as fábulas infernamente podres. E se algum aventureiro mais audaz ousar por os pés, na escada para vêncê-la — é certo que cairá sob um montão de podridões...

Isso, elas, é fácil de corrigir, pois que Pernambuco possui hoje uma repartição encarregada também não é mais o gada de zelar pelos monumentos.

("A Província" de Pernambuco, 23-7-1930).



Na centro Joaquim Nabuco, tendo ao lado direito Sávio Gurgel do Amaral e ao esquerdo Domicio da Gama

Opiniões sobre Joaquim Nabuco

OPINIÃO DE RONALD DE CARVALHO

Joaquim Nabuco era, por temperamento e educação, um idealista combativo, um espírito progressista e liberal, na política, mas clássico e conservador na literatura. Há no seu temperamento de escritor um ponto do ceticismo risonho de Renan e um acentuado sentimento de humanismo, bebedo na cultura grego-romana. Seu pensamento se reveste sempre de uma doca satisfatória e de uma discrição amável e polida a que uma ironia leve e penetrante se mistura. Os homens, para Nabuco, tinham apenas a realidade que o seu espírito lhes emprestava. Eram máscaras de que ele geralmente se servia para mostrar as suas qualidades de pensador sutil e vigoroso, amigo dos raciocínios calmos e ponderados, limpídos e lógicos.

(Pequena História da Literatura, pag. 330).

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Le mort des illusions apit les sources du génie comme la destruction des forêts sur celles des fleuves (P. 240).

L'humanité de l'avenir ressemblera aux plantes sans racines ou bien elle aura des racines aériennes (P. 241).

On ne peut rien faire de grand, si on tient à plaire aux scélérats et aux indifférents (P. 252).

Croire, c'est se donner noblement (P. 7).

Le mystère ne retient pas l'horizon, il l'élargit (P. 20).

A la fin de tout, si Dieu n'existe pas, la religion aurait eu, en son rôle, la possible encore plus belle, car elle en aurait tenu bon (P. 49).

Prix, quand vous composez, il y a des sons au clavier humain que seul Dieu peut tirer (P. 57).

Le vrai chrétien ne devrait frapper personne, de peur d'en blesser l'ange gardien (P. 85).

De Pensées détachées!

JOAQUIM NABUCO, ORADOR

DISCURSO DE INSTALAÇÃO DA
ACADEMIA BRASILEIRA, PRO-
NUNCIADO POR JOAQUIM NABUCO,
SECRETARIO GERAL

Mais senhores.

Uma vez que conversávamos sobre os nossos estatutos achei oportuno dizermos, como tranquilamente se proponha, o título de pertinente ao nosso secretário; pensava em então no constrangimento do nosso colega a quem tocasse haver aquele soberbo desafio ao nosso temperamento. Não imaginava estar falando em desa própria. A primeira condição de pertinência é a verossimilhança, o que tentamos hoje é elencar o inconveniente. Para realizar o inconveniente o meio heróico e semelhante à homens de letras que pretendiam a formar uma Academia não se pode pedir a fé; só se deve esperar deles a boa fé. A qual é se ela basilar para garantir a estabilidade de uma comissão exposta como esta a tantas causas de desânsio, de desapontamento e de indiferentismo. Se a Academia flirraser, os críticos diriam: "Um de seculo terão razão em ver isso um milagre; terá sido com efeito um extraordinário encontro, uma verdadeira maravilha de crenimento literário."

A nossa formação não passará inadvertida; seremos acusados de não termos esgotado a nós mesmos os termos feitos imortais e em número de quarenta. Se não tivessemos quadro fixo, recorriamo-nos a ser uma comissão de Tondela, se fossemos aços de esquerda, como que se diria: "A Academia Francesa, que é a Academia Francesa, e se reúne em Paris, donde ninguém quer sair para ter quarenta membros para trabalhar e entre nós onde nenhuma se reúne, no Rio de Janeiro, donde se vive em Paris, julgamos poder ter só vinte, ou trinta?" Se fôssemos maiores, estais ouvindo o tom de desdém: "A França, que é a França, só tem quarenta acadêmicos, e nós, que não temos gênero literatura, temos a pertinência de ter cinquenta?" O número de quarenta era uma forma forçada, por que não dizem: "Tinha a medida do prestígio, essa de simbólico das grandes tradições, o cunho do primi capiatis; as proporções justas de qualquer criação humana são sempre as que foram consagradas pelo estatuto. Não tomamos a França só a sistêma decimal? Pediâmos bem tomar-lhe o metro acadêmico. Nós somos quarenta, mas não aspiramos a ser os Quarenta."

Quanto à escolha própria, como podia ser evitada? Nenhum de nos lembra o seu próprio nome; todos fomos chamados e chamamos a quem nos chamou... Havia uma boa razão para nos reunirmos no convite de sr. Luís de Mendonça; é que, exceto essa, só havia outra forma de apresentar a oficial. Não seria de certeza mais inspirada, e não podia ser mais ampla, a homenagem pelo decreto, é uma eleição pública havia de resultar-se da cor local. Da qual modo que se formasse a séria dos principiados, a origem seria importante; regulariam igualmente. Não temos de que nos alarmar; todavia as Academias nasceram assim. Que era a Academia Francesa quando o Richelieu encarregou-lhe o seu gênero, sociedade à sua medida? Era uma reunião de sete ou oito homens de espírito em Paris. E as Academias, as Arcadias, todas do mesmo passado? Qualquer pretexto é bom para nascer... Não se deve inquirir das origens. Quando a vida aparece, é que o inconsciente tomou parte na concepção, e com a vida vem a responsabilidade, que encobre as origens as mais divulgadas. Quem nos largaria em risco o nosso nascimento, se fizermos alguma coisa; se justificarmos a nossa existência; criando para nós mesmos uma função necessária e desempenhando-a? Ataco tem o autor que provar ao público o seu direito de existir? Não basta a emoção que desprende de si e faz passar por todos? E o pintor, o escultor, o poeta?

Na formação do primeiro quadro era preciso atender a proporção de insistentes. A Europa exerceu sempre sobre a imaginação dos nossos homens de lettras uma atração perniciosa. Heve, talvez, tempo em que Macalhães, Gonçalves Dias, Portuense, Odorico Mendes, João Francisco Lisboa, Bento Tavares, Homem, Macei Monteiro, Gomes de Souza, Varnhagen, Joaquim Caetano, Pereira da Silva, pediram ter formada uma Academia Brasileira em Paris. Isso vinha de trás, e continuou hoje em mais força. Bem poucos dos nossos homens de lettras recusaram em qualquer tempo um deserto para longe do país. Há felicemente muito entre nós, quem de coração, de sentimento, pôs

imagination, pelo espírito, por todo o prazer da vida, preferiu o quadro, o aspecto, a sensação do nosso larão brasileiro a todos os paixões darte da Europa. Pôr-se a ser assim tão sincero, tão definitivamente brasileiro, — em alguma isso vem de uma reação natural contra o egocentrismo estético, — parece, a julgar pelo no-só conhecido, o autor da "Relíquia da Laguna", que o melhor é ter lá no sangue a incógnita do próprio arte europeia. Como quer que seja, foi preciso contar essa migração certa do talento nacional, com esse tributo que ele pagou sempre a Paris.

Havia também que atender a representação igual dos antigos e dos modernos... Uma censura não nos há de fazer: a de sermos um gabinete de antiquários. A Academia está dividida ao meio, entre os que vão e os que vêm chegando; os velhos, aliás sem velhice, e os novos; os dois estilos, estão bem acentuados, o só alguma predominia; é o que entra o século XX tem mais representação entre nós do que o século XIX. Quanto a mim, já tomei parte, . Uma vez me pronunciado entre os dois e entre o novo, o livro de uma jovem senhora de nosso patrício, pedi-lhe licenças para reproduzir, creio que nos meus termos, essa minha última profissão de fé. Nascedo, dizia eu, em uma época de transição, profiro em tudo, arte, política, religião, lugar-me no passado que ameaça ruina do que ao futuro que ainda não tem forma". E apenas como vedes, uma preferência; resta-me ainda muita simpatia pelas quimeras que disputam umas às outras o topo da vida e muita curiosidade pelas invenções e revelações iminentes. Na sózinha o poeta de quadro de Gleyre, vende a barca das ilusões, doída pela crepuscúlo da tarde, e alisando no seu próprio isolamento; o coração, que é a parte fixa de nós mesmos, essa em minh' volta para a céu estrelado, para a cúpula de verdades inauditas, de práticas divinas, que audece ao trabalho, aos esforços do mais insignificante compromisso. E um anacronismo recitar hoje para as Academias o papel que elas tiveram em outras tempos, mas se aquele papel fosse ainda possível, nós teríamos sido organizados para não o podermos exercer. Se percorressem a nossa liga, veréis na sua reunião de todos os temperamentos literários conhecidos. Em qualquer gênero de cultura somos um México intelectual; temos a terra calente a terra tempeada, a terra fria... Já tivemos a Academia dos Pêndulos; não seremos a dos Incompatíveis, mas na maior parte das casas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em des discordar; essa inteligência essencial é a condição de nossa unidade, o que nos preservará da "uniformidade acadêmica". Mas o desacordo tem também o seu limite, e o que começaremos logo por uma dissidência. A melhor garantia da liberdade e independência intelectual é estarem unidos no mesmo espírito de tolerância em que veem as coisas dari e possam de pontas opostas. Para não podermos fazer nenhuma mal hasta isso; para fazermos alguma coisa, é preciso que tenhamos algum objetivo comum. Não haverá nada comum entre nós? Há uma coisa: é a nossa própria evolução; partimos de pontos opostos, para pontas opostas, mas como astros que nascem com uma a leste e outras a oeste, temos que percorrer o mesmo círculo, somente em sentido inverso. Há assim de comum para nós o círculo, o mesmo social que curva as suas rebeldes e fúrias em mais retrações; há os interstícios do papel, da característica, do grupo e ilhação literária, de cada vez, há a boa fé invençional do verdadeiro talento. A utilidade dessa companhia será, a meu ver, tanto mais quanto for um resultado da aproximação, ou melhor, do encontro em direção oposta, desses ideais contrários, a trégua de prevenções, reciprocas em nome de uma admiração recíproca, e até é preciso saper-lhe, de um agradável imute.

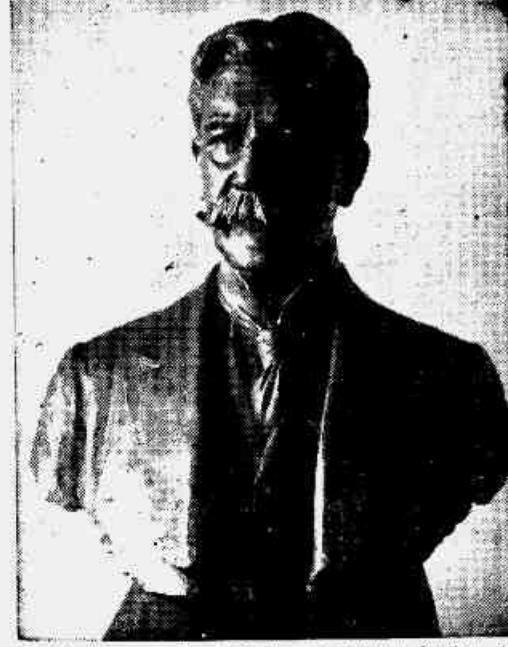
Porque, senhores, qual é o princípio vital literário que precisamos criar por meio dessa Academia, como se compõe a matéria orgânica em laboratório de química? É a responsabilidade do escritor, a conciliação dos seus desveros para com sua inteligência, o dever superior da perfeição, o desprimo da reputação pela obra. Acreditamos que um tal princípio étnico em nada encorajabilidade do gênero? Não, o que faz é excentrar impor maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não pode ameaçar nenhumha independência, contraria nenhuma opinião; e dela, por contrário, que saem a teve em vista corrigir a sua ele-

vação isolada, completar a distinção que receberá, só dora em cíntane, depois que a Academia existir, depois de termos uma reza, tradições, emulação, e em torno de nós o interesse, a consagração do sucesso, que a escola poderá parecer um plebiscito literário. Nos festejamentos apaches a primeiros eletricado.

As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguedade. Uma Academia nova e curta uma religião sem mitórica, falta-lhe acento. A nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na tensão ou quaria dinastia dos nossos sucessores. Não tende antiguedade, suaviza que imita-lhe — encorhamos as nossas antepassados. Escolicemos-las por motivo, cada um de nós pessoal, queremos, em acento, significar que o patrício da sua academia fesse o maior valze das nossas lettras. Foi assim, pelo menos que eu fiz o Macei Monteiro. Nesse mundo de mundo posto, de orador diplomata, o dandy que vira a morrer de amar elegi o perambulante. A lista das nossas escolas há de ser analisada entre um curioso documento autobiográfico; essa é a semelhança de nos preocupar-se de escotchar a maior figura de nossas lettras, pode ser que algumas delas não figurem nesse quadro. Teremos meio de reparar essa falta com homenagens especiais. Restam apenas cinco cadeiras; já não há lugar para entrarem Júlio Alexandre de Gusmão, Antônio José Santa Rita Durão, São Calixto, Monte Averne, José da Silva Lins, Porto Aleste, Sales Torres Homem, José Bonifácio, o avô e o neto, Antônio Carlos, J. J. da Rocha, Odorico Mendes, Ferreira Menezes.

Basta essa curta história da nossa formação para se ver que não podemos fazer o mal atribuído às Academias pelos que não querem na literatura a obra da mais leve utilidade, do mais fraco vínculo das artes, desrespeitando o mais insignificante compromisso. E um anacronismo recitar hoje para as Academias o papel que elas tiveram em outras tempos, mas se aquele papel fosse ainda possível, nós teríamos sido organizados para não o podermos exercer. Se percorressem a nossa liga, veréis na sua reunião de todos os temperamentos literários conhecidos. Em qualquer gênero de cultura somos um México intelectual; temos a terra calente a terra tempeada, a terra fria... Já tivemos a Academia dos Pêndulos; não seremos a dos Incompatíveis, mas na maior parte das casas não nos entendemos. Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em des discordar; essa inteligência essencial é a condição de nossa unidade, o que nos preservará da "uniformidade acadêmica". Mas o desacordo tem também o seu limite, e o que começaremos logo por uma dissidência. A melhor garantia da liberdade e independência intelectual é estarem unidos no mesmo espírito de tolerância em que veem as coisas dari e possam de pontas opostas. Para não podermos fazer nenhuma mal hasta isso; para fazermos alguma coisa, é preciso que tenhamos algum objetivo comum. Não haverá nada comum entre nós? Há uma coisa: é a nossa própria evolução; partimos de pontos opostos, para pontas opostas, mas como astros que nascem com uma a leste e outras a oeste, temos que percorrer o mesmo círculo, somente em sentido inverso. Há assim de comum para nós o círculo, o mesmo social que curva as suas rebeldes e fúrias em mais retrações; há os interstícios do papel, da característica, do grupo e ilhação literária, de cada vez, há a boa fé invençional do verdadeiro talento. A utilidade dessa companhia será, a meu ver, tanto mais quanto for um resultado da aproximação, ou melhor, do encontro em direção oposta, desses ideais contrários, a trégua de prevenções, reciprocas em nome de uma admiração recíproca, e até é preciso saper-lhe, de um agradável imute.

Porque, senhores, qual é o princípio vital literário que precisamos criar por meio dessa Academia, como se compõe a matéria orgânica em laboratório de química? É a responsabilidade do escritor, a conciliação dos seus desveros para com sua inteligência, o dever superior da perfeição, o desprimo da reputação pela obra. Acreditamos que um tal princípio étnico em nada encorajabilidade do gênero? Não, o que faz é excentrar impor maiores obrigações ao talento. A responsabilidade não pode ameaçar nenhuma independência, contraria nenhuma opinião; e dela, por contrário, que saem a teve em vista corrigir a sua ele-



Busto de Joaquim Nabuco, existente na Academia Brasileira de Letras

das as nobres audiências, todas as grandes reuniões. Em França a Academia reina pelo prazer da sua tradição; exerce sua influência pela escola, pela convivência e pelo clima; mantém um estilo acadêmico, como toda a arte francesa, convencional, acabado, perfeito, e que só poderia parecer saudoso a um gênio do Norte, como Shakespeare. Mas não é do destino da França produzir Shakespeare... Não temos por missão produzir esse estilo, o qual, como toda concepção intelectual, escapa à vontade e ao propósito, pode ser guardado e cultivado, mas não pode ser criado, obedecendo a leis de criação de cada idioma, à simetria de cada gênero nacional. Não pretendemos somente defender as fontes do gênio, da poesia e da arte, que estão quase todas no prestígio, ou antes na dignidade da profissão literária... Não tentamos tanto clima de gênio; o gênio há de revelar-se de qualquer modo; ele, a sua própria lei, cria o seu próprio berço, excede o seu nascimento, como Júpiter infant, no meio dos seus corinths.

Aém da defensão de uma Academia a que me faziam pertencer, confesso-lhe que nosso achar que sente a necessidade de garantir a sua dignidade de permanência de um escritor, como Mafra, por exemplo, não se quer dizer que não envelheceu, mas que o fundo de verdade humana que ele respondeu e exprimiu continua a ser sempre verdadeiro. Não é que o escritor ou a obra guardasse a sua dignidade; e que a humanidade, sempre jovem, se reconheça a si mesma sob os traços de outra época e acha em vés ou morte o mesmo prazer, se não maior! — do que em sôfia gênio e gênio de todos os grandes clássicos, a política dos Países reflete-se na prática; tanto quanto a política atinge no Parlamento; o gênio étnico é da Idade Média; está na Cidade Condé, é o gênio protestante do Protetorado; está no Paço de Friburgo, como o gênio da França monárquica está na literatura e na ciência dos séculos XVII e XVIII... e

Nós não pretendemos matar no literato, no artista, o patriota, porque sem a pátria, sem a nação, não há escritor, e com ela há forçosamente o político. Aliás, hoje, apesar do cristianismo, que trouxe o sentimento de uma comunhão mais vasta, o gênio não fez fora da pátria ou, pelo menos, coletiva a pátria. A pátria e a religião são em certo sentido cativadoras irrecusáveis para a imaginação, condições do fato intelectual. Compreendes o artista grego que em réplica a Esculápio excluiu-se o Porsa? Ou o poeta francês que depois de Sedan canta-se o Alemão? A política, isto é, o sentimento do perigo e da glória, da grandeza ou da queda do país, é uma fonte de inspiração de que se ressentem em cada povo a literatura toda de uma época, mas para a política pertencer a literatura é entrar na Academia é preciso que ela não seja o seu próprio objeto; que desapareça na criação que produz, cuja veia é o mero e prata. Só assim não arrebatará o escritor.

Dize-vos, porém, que vim seduzido pelo contacto, eu quisera que se pudesse dizer o contágio, dos meus. Como as diferentes iden-

(Continua na página 57)

Pensamentos soltos de Nabuco - D. Milano

Um livro de pensamentos é sempre o verdadeiro retrato de um autor, muito mais que uma autobiografia. E' o único livro em que se pode ver tudo o que na personalidade humana existe de escondido, misteioso e, às vezes, inconsciente. Há pensamentos que se expressam para esconder coisas que não se confessam, dinâmica muito característica do processo mental, pois o homem luta consigo mesmo, ao debater os problemas que o preocupa.

O "Scrib" de Da Vinci não, sob esse ponto de vista, muito mais importantes que o seu "auto-retrato", embora sejam uma espécie de fotografias rasgadas em pedaços que havemos de recompor.

Não tendo conhecido Nabuco, vejo-o aqui, presente em seus pensamentos.

Os homens são seres abstratos. Sua cabeça, suas idéias funcionam normalmente com uma quase completa escuridão do mundo exterior. Trata-se, realmente de um ser ilusório.

Quando pensa, ou trabalha, ou age, ou ama, está escondido de seu corpo, que é como se não existisse, não em relação às idéias a que obedece. E' como se não existisse realmente, mas somente refletisse as imagens da existência. O homem é um "crystal que reflete", mas que não "cânto pensante"; suas

facetas refletem as imagens médio de idéias figuradas em mais contradições na sua caraterísticas gráficas. Quero antes dizer que o que mais me agrada neste livro de Nabuco é a espécie de literatura que ele aborda: não uma compêndio de metafísica, a matemática escolástica, para fazer jus ao título de doutor em filosofia, mas um acento dialógico entre o homem e sua sombra, e dial a simples, pura e eficaz filosofia da vida. Não ter medo de pensar. Esse ato a que se costuma atribuir tamanha sublimidade, precisa ser visto com mais naturalidade; não é ato que o homem tem cérebro, e para pensar. Ainda que pense errado. Mas pense. Pense, sem receio de risco dos sabáticos, porque nesse risco não há nenhum pensamento sério, por mais auto-suficiente que pareça, e no fundo é alvar, como todo risco sem causa. Nem teme ser taxado de introvertido pelos exuberantes.

Pode parecer que estou tomando ares de filósofo, de pensador; ao contrário, estou rejeitando a responsabilidade das idéias, e tomada a das imagens, como simples artista. Isso não me impede, entretanto, de querer que o homem seja um conjunto de idéias inexpressas, ou expressas, ou mesmo mal expressas — exceto quando está dormindo e ainda só sob a condição de não estar sonhando.

Onde está, pois, a conciença do Homem? No seu cérebro aberto; nos momentos em que está pensando, atento em si mesmo ou, o que é da mesma, abstrato de tudo. E' o conteúdo abstrato.

Vejamos sob que formas se apresenta a nosso olhos aquele que na vida foi o indivíduo Joaquim Nabuco e agora continua a exprimir-se por inter-

valores. Ao mesmo tempo um hoje em dia é tecida a má-faixa recebida do público o leva quina." "Há dias em que vivemos a evitá-la, expor suas idéias, quando não chega mesmo a evitá-las, sótando vagamente po."

"Dai sem temor à religião esboce nome de 'precocheiro', 'concebido de antemão'. Dá-lhe também sem receio o sentimento de pátria. Dai-o a todo amor verdadeiramente. Ninguém de si, que precede a razão e deixa a análise."

"O mistério não existe e horizonte. Dilata-o."

"Nunca busquei o momento; nunca pensei no futuro."

"Não procure a originalidade. Ela acompanha, o mais das vezes, inteligências medianas. Se tem direito de ser original quem não procura só-lo."

"Será legítimo o seguinte raciocínio: 'Tudo que eu possa pensar, ou merece ser dito, e então já outros o disseram, ou nunca foi dito, e portanto não vale a pena que eu diga'?"

"Não é possível exprimir todos os lados do pensamento e pensamento, em seu conjunto, retira-se, mal percebe que querem prender."

"O pensamento elevado é triste e solitário; o gozo de pensar está na arte de viver imediatamente."

"O grande super-ordem das naturezas éstas é terem sido criadas completas."

"A vida, fia à cultura pelas Páginas e bordada pelas Fadas,

ALGUMAS PÁGINAS DE MINHA FORMAÇÃO SOBRE O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

(Continuação da página 51)

Balão de suas mãos e que se levantavam, carregando de sua mão, a ver tecer-se-lhes no dia seguinte a oficina, a serem de pedidos depois de me terem dado o voto... O que me fala de todo esse episódio, o imenso de minha carreira política, é um sentimento abrumador de falecimento... Minha única alva é a grandeza. O passado e meacabado... Foram milhares os que me encerraram tudo que tinham, isto é, como nada tinham, o que eram, o que podiam ser, e posso dizer que o encantado em nome dos escravos.

Muitos ter-se-ão levantado outra vez e erguido seu caminho pelas novas estradas abertas, desde então, mas que todas pareciam conduzir a mesma miragem que abraça o horizonte. Terão ido, ou irão indo, cotações de ilusão em ilusão, de desprendimento em desprendimento, de lealdade em lealdade.

Não importa. O fato para mim dominante é que em um momento da minha vida pedi o sacrifício o sacrifício absoluto de muitos pela causa que eu defendia... De certo foi a mais nobre, a mais augusta das causas; mas o fato é que eu era ali o representante dela, que em grande parte a dedicação, o sacrifício era por mim, como era meu o triunfo, minha a carreira, meu o futuro político... Foi enorme essa divida; mas minha esperança está no grande pagedor, em Deus. "Perdul-nos as nossas dividas, assim como nos perdoamos nos nossos devedores". E' essa a contabilidade divina, a única, a verdadeira contabilidade moral. Ele paga a divida de A a B com o que B deve a C, ou na falta de crédito de A e de divida de B com o que D deve a E. Há só um caixa, só um credor, no topo de contas do universo... Possa ele pagar a minha divida ao povo do Brasil e dar-me a eternidade de para mim desvendar com Ele que é o cossionário universal.

JOAQUIM NABUCO - Afonso Celso

Ja recebeu a devida consagração trienal o livro da sra. d. Carolina Nabuco, sobre a vida de seu glorioso pai.

Todos os órgãos autorizados da nossa imprensa, todos os infelizmente, não numerosos idóicos julgadores da nossa produção literária, tributaram calorosos aplausos e encômios ao volume mediante o qual a autora, rendendo piedosa homenagem final, sube elevar-se, com um só magnífico surto, ao fastigio ocupado pelos mestres nacionais na arte de escrever, narrando fatos históricos e biográficos.

Na residência, — "A Vida de Joaquim Nabuco" — alentado imbalho que, de certo custou longo prazo de aturado e esclarecido esforço, merece, pela clara e bela distribuição das matérias, pela originalidade das informações, pela conciliatória apreciação de nomes e acontecimentos, pela segurança dos golpes de vista, pelo apuro do estudo, corrente, singelo, elegante, sempre impregnado de natural distinção, merece ser lida mais de uma vez, consultada quanto surprem dívidas sobre certos episódios dos festos patrios, coloquada entre os livros de escol de uma boa biblioteca brasileira.

Carolina Nabuco será doravante citada com respeito e admiração por quem quer que se ocupe das nossas letras.

O redator destas linhas leva a fortuna de conviver de perto com Joaquim Nabuco, durante a quarta mais brillante da existência dele, quando, recete duas vezes por Pernambuco, propugnou ele de modo decisivo a campanha abolicionista em cuja vitória particular lhe pertence incontestavelmente a primazia.

No correr das memoráveis jornadas de 7 a 13 de maio de 1883, erivemos constantemente ao lado dele, auxiliando-o, com a melhor vontade, ousando, em várias ocasiões, no cumprimento do dever, falar depois que a soberana voz dele eletrizara o auditório.

No opusculo — "Oito Anos de Parlamento", — procuramos registrar a extraordinária impressão por ele então produzida e o inegável prestígio, a imensa popularidade que angariara, pelos seus excepcionais méritos e serviços.

Depois, a ação dele à República nos separaram, sem que, entretanto, jamais houvesse de nossa parte a mínima diminuição na reverência que prestavamos a suas superioridades.

Convém rememorar, para honra dele, nossa e do Visconde de Ouro Preto, dois fatos que não constam da sua completa e concienciosa biografia de d. Carolina Nabuco.

Logo após a organização do seu ministério (7 de junho de 1880), sube o Visconde de Ouro Preto que Joaquim Nabuco recém-casado (relembre-se o feliz concerto a 23 de abril do mesmo ano, na capela do Visconde de Silva, a rua Marquês de Abrantes, tendo-nos cabido a honra de figurar entre os escrivados assistentes) se preparava para uma viagem ao Rio de Prata.

Lembrou-se de encarregá-lo de uma missão diplomática na Argentina, Uruguai e Paraguai.

Encarregou-lhe de sondar Joaquim Nabuco. Fulanou-lhe, e ele mostrou-se grato ao convite do Visconde, mas declarou que não podia aceitar a nomeação por vários motivos, entre os quais o de que a sua excursão seria apenas um passeio nupcial, acentuando que o objetivo principal da missão, conforme lhe informamos, consistiria em tratar de matérias comerciais, regressar de contrabandear nas fronteiras, etc., causas para as quais não se achava preparado.

Mais tarde, a vista da reação de Nabuco, o Visconde de Ouro Preto dirigiu-se ao Conselheiro Francisco Belisário que anulou, mas inopinadamente faleceu, antes da investidura.

Eis o outro fato:

Em fins de 1881, Nabuco, que escrevia no "Jornal do Brasil", cujo redator chefe era Rodolfo Dantas, concebeu o projeto

de fundar uma grande revista literária e teve a grande gratidão de chamar-me para seu companheiro.

O que ocorreu a respeito consta do seguinte documento, de que existem dois exemplares, com as assinaturas autógrafas, arquivados um no Instituto Histórico e outro na Academia de Letras.

A redação do contrato é de Nabuco:

"Entre os abaixo assinados fica estabelecida uma sociedade em comandita, cuja existência e fins serão regulados pelas cláusulas as seguintes:

1.º — O capital da sociedade será de rs. 100.000.000 (cem contos de reis), contribuindo o sócio Barão de Jaceguai com rs. 30.000.000 (trinta contos de reis), o sócio Joaquim Nabuco com rs. 25.000.000 (vinte e cinco contos de reis), o sócio Afonso Celso com rs. 5.000.000 (cinco contos de reis), e os outros sócios Rodolfo Dantas, Manoel José da Fonseca, Barão de Drummond e Manoel Buarque de Macedo com rs. 10.000.000 (dez contos de reis) cada um. Esse capital pode ser elevado.

2.º — O fim da sociedade é a publicação e exploração de uma revista, de que será redator o sócio Joaquim Nabuco e, em sua vez, o sócio Afonso Celso.

3.º — O sócio Joaquim Nabuco, alem das funções de redator da revista, exercerá, conjuntamente com o sócio Afonso Celso, as que forem necessárias para a administração do capital da mesma revista. Estes dois são os sócios solidários responsáveis. Os outros são meros comanditários, na forma do artigo III do Código Comercial.

4.º — Os lucros da sociedade serão divididos pelos sócios na proporção dos respectivos quinhões realizados.

5.º — O sócio Joaquim Nabuco terá pela redação e gerência da revista a quantia de rs. 1.000.000,00 (um conto de reis mensalmente, a qual será contada no câmbio par, quando ele estiver no estrangeiro). O sócio Afonso Celso terá a quantia de 500.000 (quinhentos mil reis) em condições independentes do que possa receber como colaborador da revista. No caso de substituir o último sócio ao primeiro terá as vantagens a este concedidas.

6.º — O capital será realizado em duas prestações, a primeira logo após o registo do presente contrato e a segunda quando a exigir a administração da revista, precedendo-a, pelo aviso de trinta dias.

7.º — Se os lucros ultrapassarem 12 %, será dividido em excesso em duas partes, das quais uma será atribuída, em quotas iguais, aos sócios Joaquim Nabuco e Afonso Celso e a outra rateada pelos sócios comanditários e solidários.

8.º — A firma social será Joaquim Nabuco & Cia., e poderá ser usada pelos dois sócios solidários. O prazo da sociedade será de três anos. Fins os quais poderá ser renovado.

9.º — Expirado o prazo social, e, não sendo renovado este contrato, a propriedade do nome da revista pertencerá ao sócio Afonso Celso.

10.º — As despesas de viagens destinadas à fundação e propaganda da revista correrão por conta da sociedade.

11.º — Foi feito a sociedade, depois de fundada a revista, editar livros, comerciar com elas e objetos de livraria, bem como editar e publicar outras revistas e jornais.

12.º — Os sócios solidários apresentarão semestralmente um balanço da sociedade.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1891. — (ass) — Artur J. J. — Joaquim Nabuco. — Barão de Drummond. — M. Buarque de Macedo. — Afonso Celso. — Manoel José da Fonseca. — Rodolfo Dantas".

Nabuco entusiasmou-se com a idéia.

Em várias conferências que tivemos para levá-la a efeito

NABUCO, POETA

DOIS SONETOS A CAMÕES

Aos bravos do Riachuelo

I

Saiu, o heróis brasileiros
povo do Paráhão,
que sua epopeia de glória
alçou na nossa história
ao resgate do canhão;
Saiu, heróis, saiu guerreiros,
que heróis sobrehumano
produziram nessa batalha
de suas fardas mortalha,
de seu dorso os Oceanos.

II

Saiu, dia resplandente,
Em que nosso pavilhão
Em amarelo imago lavado,
Lentamente se agitando,
nos mestros dessa nação,
Saiu dia resplandente,
Na qual o sangue dos bravos
Tingiu as águas do Rio,
Para vindor nossos brilos,
E ressuscitar esses escravos.

III

Vencemos, nossa bandeira
que esse caudilho ultrajou,
Alçou-se e elevou,
E os heróis céus contemplava,
Do velho país que a insultou
E o sempre a derradeira,
Mas hoje ela é respeitada,
Onde sempre esquecida,
Hoje nos mestros erguida,
Tendo um verbo sagrado!

IV

Por uma luta de morte
A liberdade se erguta.

No meio dessa batalha
Para afrontar a metralha
E cortar a tirania
E Deus mostrou-lhe o seu Norte,
E Deus lhes disse: Ido avante!
E no batismo de sangue
Em cada morto ou exangue
Se renovava um gigante.

Vingança, tudo exclamava:
Das crianças os magos;
Das pobres mães os clamores.
Corumbá os horrores;
Inocência os gemidos;
Era a pátria que clamava;
Eram irmãos que sofriam
E nos ouvidos dos bravos
A cruzes dos escravos
Os ecos reverberiam.

Vencemos! A guerra! A guerra!
Que o sagrado pavilhão
Que em Piauá já se erguer
E em Riachuelo venceu.
Dare se erguer na Assunção!
Vencemos! A guerra! A guerra!
Sírenas à humanidade,
Mostremos que somos bravos
Resistindo aos escravos
A carta de liberdade.

Avante na nossa história
Há muita joia dorada
Há muito nome querido...
"as nossas mentes erguida
"no os de Pedro e de Andradas
Há muito louro e vitória.
Que nos dirá o combate,
Ante os nossos ascendentes

Calvar e Tiradentes

"...só se abate"

VIII

Vamos! Avante! Plantemos
Nossa bandeira vimpada
Nas muralhas de Assunção
Levantemos o pendão
E a cada libertado!
Sim! Avante! somos mestres
Os troféus de Piraí;
E esta rota bandeira
Do batismo brasileiro
Pés muros de Humaitá!

IX

Vamos, ali se levanta
Por sobre os nossos troféus,
Esta bandeira ultralada
E com denodo sangrada
Por tantos bravos Anteus!
Vamos, ali se levanta,
O símbolo da humanidade
No gládio da liberdade,
Que vence nesta profa!

X

Vamos! Que o mundo se espante
Ao ver o nosso sinal;
Ao ver a nossa bandeira
Aí ante a derradeira
Com uma glória imortal.
Vamos, que alem se levante
E o mundo trem de nô-nô
Nas muralhas de Assunção
De Piroli o pendão;
Coimbra e Riachuelo!

(30 setembro 1865)

INEZ E CATARINA

DUAS MULHERES CHEGAM-SE, MEDROSAS,
PARA PERTO DA ESTATUA CUJA FRONTE
A MANHA QUE DESPERTA NO HORIZONTE
ENCHE DE CLARIDADES JUBILOSAS

VESTEM AMBAS AS ROUPAS GLORIOSAS,
CUJO FIOS DE LUZ NAO HÁ QUEM CONTE.
MAS QUEM SÃO ESSAS FORMAS VAPOROSAS,
COMO AS NEVOAS QUE DESCDEM SOBRE O MONTE?

UMA TRAZ AS "HERVINHAS", COM AS FLORES
QUE ELA COLHEU NA FONTE DOS AMORES
A QUEM "DEPOIS DE MORTA A FEZ RAINHA";

A OUTRA, QUE ERA A VIDA, ERA O DESEJO,
QUE ENCHIA A GRANDE ALMA QUE ELE TINHA —
NOIVA DE SUA GLÓRIA — TRAZ-LHE UM BEIJO.

II

APOTEOSE

ELE FOI UM ARTISTA SOBERANO,
E SÓ TEVE NA ARTE UM IDEAL:
ERA A PÁTRIA, POR ISSO, PORTUGAL,
QUE ELE AMOU COM ALMA DE ROMANO;

A QUEM DISSE, MIRANDO-O NO OCEANO:
"PODES MORRER, QUE EU TORNO-TE IMORTAL",
E HOJE O VASTO, O IMENSO PEDESTAL
DO VULTO DO POETA SOBREHUMANO.

NESSE BRONZE QUE OS TEMPOS NÃO CONSOMEM,
ELE PAGA UMA DIVIDA DE GLÓRIA
A MAIOR QUE UM PAÍS DEVEU A UM HOMEM —

E DE JOELHOS, NO CHAO DA SUA HISTÓRIA,
LEMBRANDO-SE DA GRANDE INGRATIDÃO,
PEDE AO DEUS DOS "LUSIADAS" — PERDÃO!

Por uma luta de morte

A liberdade se erguta.

Por uma luta de morte

A liberdade se erguta.

Antecipação da posteridade - Xavier Marques

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

O Brasil recolhe os despojos
de um grande patriô, a quem
as mais distintas horas fo-
ram prestadas, além dos estilos,
por uma nação soberana, alta e
habitualmente soberana em
suas haveragens. Foi essa uma
veinadura antecipação do ju-
ízo da posteridade, a quem alias
Joaquim Nabuco já se havia
lamentado em vida. Partindo
do estrangeiro, esta consagra-
ção postuma parece uma justa
retribuição ao pensamento do
brasileiro que, sem nunca abra-
çar o país natal, teve con-
tudo envergadura bastante am-
plo para abranger as causas
de todos os povos. Seu pensa-
mento, semelhante à espada de
Garibaldi, andava pelo mundo
e batalhava em prol dos princi-
pios e das ideias liberais.

Esta feição cosmopolita do
espírito de Joaquim Nabuco
era de ordem a grangear-
lhe simpatia universal. Foi tal-
vez o que o arroubou bem
estrelado para bater-se, com
tanto denução, com a força e a
genialidade de um justador me-
diado, na liberdade da raça
negra. O abolicionismo era an-
tes de tudo um interesse da
humanidade e da civilização.
Por isso mesmo Nabuco pro-
pôs-o na mais vasto teatro de
ação — não só da tribuna do
parlamento nacional, mas pe-
resce o mundo culto, indo as
mais próximas capitais obter pa-
través e atos de solidariedade
com a opinião e o sentimento
abolicionista do Brasil.

O seu cosmopolitismo não

era o produto de um caráter seu talento, como político, di-
versatil, sujeito à fascinação plomata, historiador, escritor e
jornalista.

Outros pode ser que mere-
cam, como políticos e valores
intelectuais, a nossa maior ad-
miração; mas a nossa intensa,
profunda e radical simpatia, ele
aproximado de beleza e
ideal, atraído por todas as boas
obras políticas, sociais, huma-
nistas, onde quer que estas se ten-
tassem.

Há um capítulo no seu livro
"Minha Formação" cujo título
por si só define esse formoso
caráter: — "Afrição do mun-
do". — "Em minha vida (es-
creveu ele, sob essa rubrica)
vivi muito da Política, com P
grande isto é, da política que é
história, e ainda hoje vivo é
certo que muito menos." "Mas
para a política propriamente
dita, que é a local, a do país,
a dos partidos, tenho esta du-
pla incapacidade: não só um
mundo de coisas me parece su-
perior a ela como também mi-
nha curiosidade, o meu inter-
esse, vai sempre para o ponto
onde a ação do drama conti-
púnico universal é mais com-
plicada ou mais intensa".

Raros homens temem conse-
guir um auto-julgamento tão
exato. E o certo é que não os
seus compatriotas, não podem
lamentar a dispersão que
ele tenha sido obrigado a fa-
zer do seu espírito, atraído pe-
los lances da política estran-
geira. Dando-se assim a "ma-
gna civitas", com toda aquela
generosidade cavalheiresca, inui-
tiva e nos reservou ainda e nos de-
ixou, de cada face do luminoso
síssimo diamante que era o

cont. antecedência de dez
anos, Nabuco havia escrito:
"Não há, sem dúvida, ambição
mais alta que a de estadista,
e eu não pensaria em reduzir
os homens eminentes que me-
recem aquele nome em nossa
política ao papel de políticos
de profissão; mas para ser um
homem de governo é indispens-
ável fixar, limitar, encerrar a
imaginatione nas coisas do país e
ser capaz de partilhar se não
as paixões, de certos dos pre-
conceitos dos partidos, ter com-
eles a mais perfeita comunhão
de vida, "individua vita con-
stituenda". Assim quando eu

exato, com a habitual elegância, os termos do artigo de apre-
sentação e do programa das secessões.

Confava integralmente no êxito do empreendimento.
Sobre vieram, porém, os tristes acontecimentos do começo
de dezembro de 1891, ocasionados pela morte do Imperador: a
execução jacobina, o apedrejamento do "Jornal do Brasil" e
do "Brasil", orgão monarquista, em que escreviamos
sob a direção de Carlos de Laet, a falta de garantias para os
adversários do regime, confessada pelo próprio Governo, as
concentradas ameaças contra eles, a retirada de Rodolfo Dantas
e Nabuco para a Europa.

O projeto da Revista naufragou, assim, deixando no único
sobrevivente dos associados de 1891 saudosíssimas recordações".

"Jornal do Brasil" — 9-3-1926.

tivesse, que não tive, as qua-
lidades precisas, estava impedi-
do para a política pela incom-
preensibilidade do meu interesse
humano."

Ligeiras notas à margem de
uma vida fecunda e preciosas
que cessou... é dela mais um
traço, raro em nossos homens
que chegaram a ser grandes.
Quanto deles tem sido bastante
superior, franco, sincero e graci-
osamente indelicado para con-
fessar os pecados de sua pre-
tensão de moços, para soar da
opinião que formaram sobre si
mesmos, das altas cavalarias a
cuja altura se supunham com
a confiança e a audácia dos
vinte anos?

Joaquim Nabuco, com uma
delicada falta de indulgência
para com os feitos de sua ju-
ventude intelectual, conta-nos,
sorridente, casos que valeriam
a pena ser notados por multa
mocidade afoita neste nosso
país de estadistas preoces...
Assim se refere ele ao tempo
em que, invadido pelo espírito
de rebeldia e independência,
teve a "pehulhênia" de na Academia
contrapor às vezes o seu
modo de pensar ao do senador
Nabuco, seu pai, "em lugar de
apanhar religiosamente, como
eu faria hoje, cada palavra
sua".

Ainda no primeiro ano de
curso de direito, em São Pau-
lo, fundara um jornal para
atacar o ministério Zacarias,
que seu pai apoiava. Mas o
moco Nabuco era liberal. "Meu
pai entrevia-me que estudasse,
me deixasse de jornais e so-
bretudo de atitudes políticas
em que se podia ver, sim, uma
inspiração, pelo menos, uma to-
lerância da parte dele. Eu, po-
rem, prezava muito a minha
"independência de jornalista".
A minha "emancipação de es-
pírito"; queria sentir-me livre,
Julgava-me comprometido por-
tante minha "classe", a acadê-
mia, e assim studia, sem pen-
sar desobedecer, o desejo de
meu pai, que, provavelmente,
não ligava grande importância
à minha oposição ao ministéri-
o amigo."

Quais eram as idéias do jo-
vem liberal? "As minhas idéias
eram, entretanto, uma mistura
e uma confusão; havia de tudo
em meu espírito." Eram im-
presos que ele tomava por
idéias, impressões de leituras,
das "Palavras de um crente",
dos "Mártires da Liberdade",
da "História dos Girondinos".
"O ano de 1865 foi para mim o
ano" da Revolução Francesa...
Apesar disso, eu lia também
Donoso Cortez e Joseph de
Maistre, e até escrevi um pe-
queno ensaio, com a infibili-
dade dos dezoito anos, sobre
a Infabilidade do Papa". Posso
dizer, conclui, "que não tinha
idéia alguma, porque tinha to-
das".

Em 1871, aos 21 anos, escre-
vendo na "Reforma", lançou
um artigo sobre a viagem do
Imperador. "Esse artigo é 'qua-
si' republicano. As minhas no-
vas idéias inglesas não esta-
vam ainda senhoras da casa,
não tinham força para eclipsar
as projeções, em parte fantâ-
sticas, que nesse tempo, com a
sua lanterna mágica, Labou-
laye acabava de fazer do mun-
do americano. Por isso eu acon-
selhava ao Imperador que, em
vez de ir à "velha" Europa, fos-
se à "jovem" América. Aos
vinte e um anos, com todo o
seu talento, confessa não ter
compreendido a máxima polí-
tica do velho Nabuco: — A utili-
dade relativa das leis preferia
à utilidade absoluta. "O relati-
vo não existia para mim."

Dois anos depois entrava o
moco liberal na "fronde" con-
tra os bispos e a Igreja, es-
chando-lhes conferências, arti-
gos e folhetos, dos quais não
quis mais tarde retirar uma só
palavra do que dissera em rela-
ção à liberdade religiosa. Mas
"do que preciso fazer renúncia,
em favor das tracás que os
consumiram, é de tudo o que
nesses opúsculos escrevi em es-
pírito de antagonismo à Igreja,
com a mais soberba in-
compreensão de seu papel e da
necessidade, superior a qua-
quer outra, de aumentar a sua
(Continua na página 41)

Nabuco e Machado de Assis

conta Dietrich) se havia grande progresso em colocar Aristóteles acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluiu pelas entusiasmas. Você nos dá juntos o homem público e o pensador. Esta obra, não feita agora mas agora publicada, vem mostrar que em meio dos graves trabalhos que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de ministra que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criaram a carreira literária. Erro e direito, como V. diz em uma das suas páginas, que "nada há mais engraçado que ler pensamentos". Só o tédio causa, mete nojo, e este mal não entrou aqui, onde também não teve nenhuma vulgaridade. Ambos, aliás, são seus naturais imponentes. Também não é acertado crer que, "se alguns espíritos o falam, é só por distração e não razão". Quando fosse verdade, eu seria desses raros. Desde então, li muito Pascal, para não errar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje quando corro a tal leitura, e me consolo no desconsolo do "Eclesiastes", acho-lhe o mesmo sabor de outrora. Se alguma vez me sucede dizer daquele que leio, sempre arrependo a maneira por que nela expresso o desacordo — Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou profunda, não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer. Tal é o caso desse seu livro. Todos virão a ele, atentos pela substância, que é a aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bela. Há nestas páginas a história alternada da influência religiosa e filosófica da observação moral e estética, e da experiência pessoal, agora longa. O seu interior está aqui aberto a vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor. Ideias de infinito e de absoluto, V. as inscreve de modo direto ou suspenso, e a nota espiritual é nítida e característica das suas páginas. Que em todas resplandece um otimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lhe; melhor o sabe, porque o sente de veras. Aqui o vejo confessado e claro, até nos lugares de alguma tristeza ou desanimismo, nos a tristeza é facilmente consolada, e o desânimo acha depressa um surto. Não desatenei algumas dessas ideias e reflexões para não parecer que trago toda a flor; por numerosas que fossem, muito mais falaria lá. Ao cabo, para mostrar que sim a beleza e a verdade particular delas, basta apontar três ou quatro. Esta do livro I: "Mui raramente as belas vidas são interlamente felizes; sempre é preciso sacrifício muita coisa à utilidade", é dize que evocam recordações históricas, ou observações literárias, e nas mãos de alguém, narrador e psicólogo, podia dar um livro. O mesmo digo daquela outra, que é também uma bela política: "Muita vez se perde uma vida, porque no lugar que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação." Sabe-se o que era a vida das anacoretas, mas dizer como V. que "elas só conheciam dois estados, o de oração e o de sono, e provavelmente ainda dormindo estavam rezando", é por nessa última traçar a intensidade e a continuidade do motivo espiritual do recolhimento, e dar do anacoreta a imagem mais viva que todo um capítulo. — Nada mais natural que esta forma de conceção inspire imitações, e provavelmente maniféstos. As faculdades que exige são especiais e raras; e é mais difícil viver nelas que em composição narrativa e seguida. Exemplo da arte particular deste gênero é aquele seu pensamento CVII

do livro III. Certamente, o poço já havia dito, por modo direto e chão, que ninguém está contente com a sua sorte; mas este outro figurado e alegórico é só da imaginação e do estilo dela: "Se houvesse escritório de permuta para as felicidades que uns invejam aos outros, todos iriam lá trocar a sua". Assim muitas outras, assim esta imagem de contrastes e imperfeições relativas: "A borboleta acha-nos pesados, o pavão mal vestidos, o rouxinol rousos, e a água rasteiros". — Em meio de todo este pensado e lapidado, as reminiscências que V. aqui pôs falam pela voz da saudade e do mistério, como esse quadro no cemitério das cidades. Você exprime magnificamente aquela fusão da morte e da natureza, que V. cultiva também com amor, dá imagem da vida e do engenho do norte, ainda para quem a conhece de ouviva de leitura: deve ser verdadeira. — Não há aqui só o homem de pensamento ou apenas temperado por ele; há ainda o sentimento evocado e saudoso, a obediência viva que se compara em acúdio ao impulso da vontade. Tudo aí, desde o sinal do trabalho até a paciência do trabalhador, a velha madrinha, senhora do engenho, e a jovem mucama, tudo respira esse passado que não torna, nem com as coquias no coração do moço antigo, nem com as amarguras no cérebro do atual pensador. Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espírito. Irmão V. neste trabalho de história e de política, que ora faz em benefício de um nome grande e comum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá — Atéus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu; e oxalá não esqueça este velho amigo em quem a admiração reforça a afetção, que é grande. — M. de Assis.

Hamilton, Mass., setembro 3, 1908.

Meu caro Machado: — Estou de volta de Chicago, donde fui pronunciar o discurso de que lhe dei notícia prévia. — É uma pequena viagem redonda de umas sessenta horas! Para dizer algumas palavras. — O pior é que tenho outras viagens o mesmo tamanho esperando-me. — De volta vim achar o seu livro e a sua carta. Esta está muito desconsolada. Eu não o poderia mesmo aconselhar do isolamento. — Veio fechou-se nos seus hábitos como a tartaruga na concha, mas no contrário dela não carrega consigo a sua casca. Se não fosse assim eu lhe aconselhava que se mudasse para porto do Graciosa. Receio que V. só esteja vendo gente triste e cultivando a mistura de velhos, em vez de tomar um banho de mocidade prolongado e constante. — Quanto ao seu livro II o leia por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de V. mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que dá saudade de V., mas também que a mata. E que frescura de espírito! É o caso de recomendar-lhe de novo a companhia dos moços, mas intimamente, em casa. Você parece sentir isto com o Tristão e com o Mário de Alencar. Mas o benefício de infiltrar mocidade não seria para V. só, seria também para eles. V. é a mocidade perpétua cercada de todas essas afetos de velhice. — Não se lembre dos setenta e terá quarenta. Somente não me acostumei à ortografia. Creio que lhe terá custado reconhecer-se na nova. — A mim parece que estou lendo os antigos "Jornais do Borges da Fonseca". Ao menos dessa revolução ele saiu bem afinal. São os espíritos revolucionários que revolucionam a ortografia. Um aperitivo abraço do — Velho amigo — Joaquim Nabuco.

Rio, 1 de agosto de 1908.

Meu querido Nabuco: — Lá vai o meu "Mémorial de Ayres". Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantando em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando os trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junto isto a soldão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu sonhe por algumas amigas dela de uma confidência que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior que ela cuidava; a fácia é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagrado, basta como ponto final. — Recebi os seus discursos e felicito-o por todos (14). O "Jornal do Comércio" publicou os três. Dei os da Academia à Academia. Já lá temos um princípio de biblioteca, a cargo espiritual de Mário de Alencar, e eles ficam bem nela arquivados. Obrigado por todos e particularmente pelo que trata do Jugar de Camões na literatura. É bom, é indispensável reclamar para a nossa língua o lugar que lhe cabe, e para isso os serviços políticos internacionais que se prestarem não serão menos importantes que os puramente literários. Realmente é triste, ver-nos considerados, como V. nota, em posição subalterna à língua espanhola. Você será assim mais uma vez o embalizador do nosso espírito. Um abraço pelas distinções que aí tem recebido e que são para o nosso Brasil inteiro —

Em breve passo a relevar o "Memorial".

(1) "A sentença sobre os línguas do Brasil com o Guiana Inglesa foi pronunciada pelo rei da Itália em 14 de junho de 1865. No紧接着的, o rei da Itália, que era o diretor das duas nações, o árbitro, exortando das suas atribuições, discutiu entre elas o território. O governo brasileiro havia recusado proposta mais vantajosa da Inglaterra" (Graciosa Aranha).

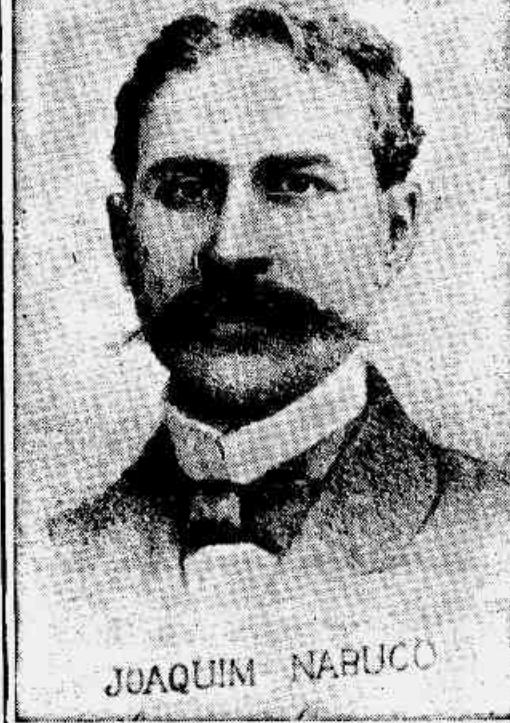
(2) Sobre Joaquim Nabuco existem dois excelentes livros: Joaquim Nabuco (livro biográfico), por Henrique Coelho São Paulo, 1922; e A vida de Joaquim Nabuco, por sua filha Carolina Nabuco, São Paulo, 1922.

(3) Reunião de Taormina, na Sicília (Graciosa Aranha).

(4) Souza Bandeira, candidato a vaga de Martim Junior.

(5) Chamaan, livro que deu sele-

UM RETRATO DA MOCIDADE



JOAQUIM NABUCO

Joaquim Nabuco, orador

(Continuação da página 53)

deverem compreender-nos, na sentença de Mitr: não fizemos Ásia e nosso livro nacional, nítida que eu posso que a alma brasileira está definida, limitada e expressa em suas obras de seus escritores; somente não está toda em um livro. Esse livro, um extrator natural poético, porém, tirado de nossa literatura. O que é essencial está na nossa poesia e no nosso romance. O livro não podemos fazer, porque o livro é uma viagem, em um livro deve estar o homem, e o nome não sabemos mais fundir com o caráter na obra, sem o que não pode haver criação. Em um certo sentido temos criado e somos um sonho, uma luta, e generosa transformação do próprio sangue em outras vias. Temos pressa de acabar. Estamos todos eletrizados; não passamos de condutores elétricos, de jornalistas e a bateria que faz passar pelos nossos corpos, em corrente contínua... Se lasciamos antigos condutores, não haveria mal nenhum; que sofram os cabos submánuos? Nós, porém, somos fios divididos de uma consciência que não deixa a corrente passar despedida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a extensão da língua o choque constante dessas tensões universais...

Esperemos que a Academia seja um isolado, e que do seu repouso, da sua calma, venha a sair o livro em que o general Mitr: ve o sinal da força, da musculatura literária... Eu pôs minha parte não sei que obra não dará por iniciada. A Graciosa Aranha, entre tanto, como saga pura, tem maior resistência e guarda assim melhor seu idioma, para essa uniformidade de língua asserida devemos lutar. Devemos opor um obstáculo a deformação que é mais rápida entre nós do que os donos das lombas, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conterar as formas genitivas, características, impeditivas, da sua grande época... Nesse sentido, nascem, virão o dia em que Herculano, Garret e os seus sucessores deixem de ser, que as nossas empobreçem mais depressa, e que é preciso renová-las todo o dia. A língua é um instrumento de idéias que deve ter, deve ter, uma fixidez relativa; nesse ponto tudo precisamos empenhar para segundo esforço a acompanhar os trabalhos que se consagraram em Portugal a pureza de nosso idioma, a conter

O senador Nabuco de Araujo

Joaquim Nabuco

Qual será sobre essa posterioridade a influência de Nabuco, e que lugar lhe reconhecerá essa no conselheiro do segundo Reino? Tendes aí luz a que governo se aumentará de brilho através dos tempos? De certo, se a história política continua a ser escrita como até agora, se não sai da rotina, se a restauação e as reduções do passado se fizerem sempre pelas mesmas metas, o nome de Nabuco em poucas gerações terá sido relegado para consignos obsoletos. Aí recua, parem, virá no dia em que julgar e exercerem sobre o mundo passado espíritos que primeiro se tiveram familiarizados, com os origens e documentos que os deixam e possam reconhecer cada individualidade maior por um traço que seja da excelência, do seu caráter, da sua moda e fazer a cada dia, a cada hora, do jornal de cada um em sua época.

Quanto esse método de estudar a nossa história política do século XIX tiver cultivo entre as futuras gerações, terá esperança que a figura de Nabuco avance cada vez mais na proximidade entre os estudiosos da era imperial. Na sua obra jurídica, reconstruída e atualizada, as críticas não descerão; não só mais perfeitas evoluções de princípios que se evoluem correntes, como também, no muito que ele fizer de si mesmo, o gênero, o ambiente, o próprio ele, decidem que não de dominar depois dele. Da sua obra política des hão de dizer que o Império não deixou outra de igual originalidade, penetração, clareza, e pureza de forma. Na decurso do tempo, será talvez Nabuco, dentro os nossos antigos estudiosos, o que mais seguirá dos espíritos políticos, que abam, como Burke "o liberalismo militar e o conservacionismo histórico"; dos espíritos clássicos, encantados em seu otimismo da é, como a verdade, a arte, a religião, uma das correntes do mesmo movimento ascensional perpétuo, um dos fios da mesma fiação infinita; assim como sera o companheiro perfeitos do poderoso, da opulência se aduz, que o proclamaram, pelo qual é acalado de suas sentenças, o mais perfeito dos nossos moralistas políticos. O brilho, porém, que melhor definirá sua carreira e sua existência, o estudista e o homem que ele foi, a ação ou influência que exerceu e a impressão que deixou, será este — bondade inebriante.

(Um Estudioso do Império).

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Il faut Dieu pour remplir le cœur. Les grandes choses ne sont que l'ouvrir pour le recevoir. (P. 201).

L'homme asect l'isolement plus que la femme. Même au paradis Dieu trouva qu'il lui était pénible. (P. 213).

(De Pensées détachées).

JOAQUIM NABUCO

O DRAMA DE UMA

Chamando-o ao solo do povo, pernambucano "a trabalhar pela federacão na República, assim como havia trabalhado na monarquia", pouco depois do 15 de Novembro, recebia Joaquim Nabuco as mensagens do Recife e Nazareth, os dois distritos eleitorais que, sob o Império representava na Câmara. Assim, mesmo em pleno tumulto daqueles primeiros dias da era "nova", Pernambuco não esquecia a grande figura de seu nobre filho.

Nada mais belo. E, entretanto, nada mais natural. A República devia ser o governo do povo... E as eleições de Nabuco, notadamente as suas últimas, apareciam, nos olhos de todos, como uma inovável antecipação desse reinado da soberania popular, cuja aurora a esperança dos cientes de 89 e 90 antevia já em dias próximos.

Nabuco mesmo, recordando esses triunfos, diria, mais tarde: "Aqueles, porém, que concorreram para a vitória desapareceram na lista aquela dos esquecidos... Seus nomes, mesmo os principais, não evocam fora da província...". So, dentre eles, José Mariano era conhecido de todo o país e reputado o árbitro eleitoral do Recife. Quem conhecia, porém, a Antônio Carlos Ferreira da Silva, então simples guarda-livros em uma casa do Recife, que, no entanto, fez todas as minhas eleições abolicionistas? A verdade é que era ele o espírito que movia tudo; sem ele tudo teria corrido em outra direção... Essa é a melhor prova do caráter espontâneo, natural, "popular" das minhas eleições do Recife, o ter bastado para fazê-las um homem como ele, sincero, dedicado, inteligente, leal, hábil, todo coração e entusiasmo, sob uma máscara de frieza e misantropia, mas sem posição, sem fortuna, sem "status" político, sem ligação de partido, simples abolicionista, nunca aparecendo em público, e, além disso, "republicano confessado..." Nem era essa a primeira, ou sequer a única ligação séria que Nabuco tivera com republicanos. Entre os entusiastas de sua candidatura convolviam-se João Barbálio e Aníbal Falção, que, pouco depois, seriam eleitos à Constituinte, bem como Martins Junior, mais adiante também deputado.

Já, muito antes, o movimento republicano de 1870 congregava "alguns dos espíritos que mais o fascinavam".

Ao lado de Quintino Bocaiuva, por três anos, no "O País", fizera a campanha de abolição.

E não é só. Evocando a época da mocidade, ele observou: "As minhas idéias, flutuavam, no meio das atrações diferentes desse período (1848), entre a monarquia e a república "sem preferência republicana, talvez somente" por causa do fundo hereditário de que falei", isto é, a influência paterna; a atmosfera que respirava em casa e desenvolvia naturalmente as suas "primeiras fideliidades à causa liberal".

Dois anos depois, a propósito da viagem do Imperador à Europa, aconselhava-o a que em vez de ir à velha Europa, fosse a jovem América, e não hesitava em afirmar: "Ao ver os Estados Unidos à frente do progresso industrial e moral, o imperador compreenderia que os reis podem bem ser uma hópolese um luxo, uma superfluidade. Ao ver uma sociedade, amplamente liberal e livre, governando-se sem rei, ele compreenderia que, em certas épocas, os povos podem dispensar qualquer tutela". Nessa linguagem há um mínimo de monarquia e um maximum de republicanismo; o artigo é quasi-republicano, dirá Nabuco em "Minha Formação". Nesse precioso livro de confissões, mais de uma vez, alude à proximidade, em que se achou, do republicanismo. E claramente explica: "O que me impedia de ser republicano na mocidade foi muito provavelmente o ter sido sensível à impressão aristocrática da vida. O efeito da sociedade, como a das artes e das letras, não era outro senão o de impedir o desenvolvimento do gênero revolucionário que as leituras francesas dos vinte anos tinham deixado em meu espírito. Sem aquelas influências, entregue a meus próprios impulsos, de mesmo modo que o meu liberalismo mato degenerou em radicalismo, o radicalismo teria degenerado em republicanismo.

Senas as influências negativas da imaginação eu teria sido levado até a república, como tantos que depois se arrependem; aquelas influências me contiveram somente porque me desviaram ou me distraíram da política".

Era natural, portanto, era de esperar mesmo o apelo que lhe dirigiam o Recife e Nazareth, nos primeiros dias da república.

Mas se, entre os que o chamavam a servir ao novo regime, alguém verdadeiramente o conhecia, a esse não devia ter surpreendido a resposta de Nabuco.

"Conservo intacta — contestava ele — e, hoje mais viva do que nunca, a minha aspiração autonoma. Aos dois compromissos de minha carreira pública — a emancipação do povo e a emancipação das províncias — guardo a fidelidade das obrigações morais espontâneas. Sou, entretanto, forçado a pedir-vos que me dispenseis de associar-me à fundação da república, porque me considero para isso política e moralmente impróprio".

E enumerava as razões em que se fundava.

Esa resposta às mensagens do Recife e Nazareth deve ser atentamente lida, relida e meditada.

E' um dos mais belos documentos políticos, e, acima disso, um dos mais admiráveis documentos humanos de que se possa falar a nossa história. Nada lhe falta para constituir um desse padrões de dignidade, elevação e beleza que a triste contingência de nossa condição, e as duras contingências da vida, não permitem repetir-se senão de longe em longe.

E, coisa singular, que certamente não é noção corrente entre nós, o que da Resposta ressalta à evidência é a existência de qualquer incompatibilidade de princípios entre Nabuco e a república.

Tal convicção vai-se robustecendo cada vez mais, à proporção que conhecemos e sopesamos os argumentos aduzidos ali por seu egrégio signatário. Com efeito. Não diz ele: "Fui designado pelos zeletos da monarquia, hoje quase todas aderentes, como sendo um aliado da república pelo meu programa: — Abolição, Federação, Arbitramento?" E a seguir: "Não há dúvida que as três reformas eram todas passos para o ideal republicano, mas também eu nunca sustentei que a monarquia tivesse outro papel senão o de conduzir a ação àquele ideal!"

Não era perentório, afirmando: "Eu não me preocupava com a instituição, e sim com o povo?" E ao relembrar: "Todo o princípio digno de sentir-se no trono — tinha eu dito na Câmara — deve estar sempre pronto a perde-lo quando essa perda resulte

do desenvolvimento que ele tiver dado à liberdade no seu reino?"

Respira uma grande serenidade esse esplêndido manifesto da renúncia de Nabuco à atividade política, do qual, entretanto, ressalta que a república era também, o seu ideal. Por que motivo, entao, indagar-se-lá, recusava servir nas suas fileiras? Ele o diz porque o país em seu entender, ainda não estava preparado para essa alta forma de governo. Haverá pensamento mais claro? "Nada podia ser mais doloroso para mim do que a resistência que a minha razão opunha à corrente que arrastava a nova geração para a república, mas eu tinha a mais absoluta certeza de que era preciso um largo período de governo para o povo e com o povo antes de ser possível o puro governo do povo".

Mas, fosse como fosse, ou com essa restrição que significava a necessidade, simplesmente temporária, da monarquia, até que a república viesse a surgir como o fruto natural da liberdade amadurecida, ou mesmo sem restrição alguma, o fato é que, nos primeiros dias de 1890, Nabuco podia, com tranquilidade, no ânimo, escusar-se de prestar o seu concorso à nova ordem de coisas, alegando a sinceridade de suas convicções monárquicas e serenamente afirmar: "Convicções assim conselhos do desinteresse e da pureza das origens não se mudam num dia. Se eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 15 de novembro me converteram a república, dar-vos-ei o direito de duvidar da minha sinceridade no passado, e, portanto, no presente. Infelizmente, messes caros compravincianos, não posso formar ideia alguma do que vai ser a república, nem determinar qual é sao, de tantas sementes espalhadas desde 15 de novembro, as que vão vingar e alastrar o nosso solo político. Limite-me a não afirmar uma crença que ainda não tenho. Não sei se terei um dia, na república uma fé como a de Tomé; sim, no entanto, incapaz de ter a de Pedro e de seguir o mestre desconsiderado em um novo apostolado".

Os exemplos da América espanhola, dessas repúblicas de há quarenta anos em que a ordem estava ganhando terreno e os intervalos de patriotismo eram maiores, mas das quais se podia dizer que a sua lei era ainda um *sic ut vici*, a lei da extermínio material ou moral do adversário, e cujos personagens, ou eram cúmplices de despotismo ou suspeitos políticos; o fato de que tivessemos de atravessar também a via dolorosa em que a América latina se arrastava, desfalecida; a supressão, embora provisória, da liberdade "a qual, uma vez confiscada, não pode mais ser restituída integral, ainda mesmo que aumentada"; "cará sempre o medo de que ela seja suprimida outra vez e com maior facilidade"; o golpe que receberia "a noção de legalidade contínua", gerando um estado de pânico expectante, cheio de incertezas e apreensões — eram razões bem fortes para que, no seu espírito eminentemente conservador, a república não se擒urasse ainda acela pela opinião.

"Sei — observava — que o país está resolvido a assistir com paciência, boa vontade e otimismo, às provas completas, da república para então julgá-la. Seria, porém, um paradoxo declarar-me eu convencido da possibilidade de uma república liberal somente pela supressão de todas as liberdades. Eu sei que elas foram suspensas, com promessa de serem restituídas, um ano depois, mais amplas e florantes. Mas, suprimir a liberdade provisoriamente para torná-la definitiva, é como a medicina que mata ou doente para ressuscita-lo só..."

A "Resposta" é de março de 1890. Seis meses depois, a carta ao "Diário do Comércio", com o título: "Porque continuo a ser monarquista", não é no mesmo tom, e amarga.

Na "Resposta", Nabuco parece ter tido por objetivo principal dar os motivos por que não se fizera republicano sob a monarquia, guardando, quanto ao novo fato, uma atitude de reserva, observador ainda, não julgador. Fora forçado a responder a uma interpelação prematura, pois que versava sobre objetivo que pedia mais algum desenvolvimento, no tempo ao menos, para ser corpidamente apreciado. E, dir-se-á, que, já então, naquele momento de tantas esperanças, ele alimentava o seu secreto desejo de que os fatos viessem desmentir o pessimismo de seus prognósticos. Da segunda vez, em que se pronunciou, a república já contava quase um ano de existência. A Constituição ia adiantada. Perdurava, porém, a ditadura militar, e Nabuco não se conformava com ela. Entendia que o partido republicano no dia do triunfo abandonara as aspirações republicanas; "os republicanos não achariam para por no lugar da monarquia ação o governo militar, que representa um período de crescimento social anterior ao da monarquia parlamentar, e que não pode, em caso algum, preparar o país para a república".

E, respondendo à pergunta "Manovquia sem esperança de monarquia, para que serve?", dizia, num incontido desabafio de sua dor patriótica: "Serves para não ser republicano sem captação de liberdade. Sempre me pareceu que os republicanos sob o Império procuravam com o seu elevado sonho de república criar para si, dentro do país, que eles julgavam mal e interessante governando, um refúgio moral abstrato, uma espécie de Thebaida ideal, na qual pudessem respirar o ar de nossa terra e o outro um cílio a parte, interno, nascido do meu coração, guardado e celebrado ali, no tabernáculo".

Certo, estas — e quantas outras! — notas deviam ressoar interiormente no crescendo daquela tempestuosa orquestração. E, por maior que fosse o empenho de Nabuco de não revelar aquele tumulto daima, movido desse sagrado pudor com que as naturezas nobres buscam envelopar num véu impenetrável as ansias que as devoram, ninguém se iludirá com a superfície tranquila em que se espalha, num ritmo musical, de largas ondas lentas, regulares, a perfeita medida do seu estilo.

E a aparição... A geraça beleza daqueles opúsculos e de quanto mais tarde reuniu, ou originariamente compôs, em "Minha Formação", a beleza, a harmonia, a que cede, rendida, — diria mesmo embalada, — a atenção admirativa do leitor, não basta para desfazer o ambiente dramático em que aqueles exercícios foram produzidos, e que intrapõe a espaços, nas linhas e entrelinhas, concentra-se afinal na conclusão, dir-se-á antilógica, não, certamente, com a letra, mas com o espírito geral que deles se desprende.

Belas respostas, que muito devem ter feito sofrer — elas como exprimirmos a impressão daquela leitura, ao mesmo tempo que, entre atônitos e comovidos, tentámos preservar donde viria o poder ilimitado do espírito, mais alto ainda naquele raro exemplo do que no de Heine, ao fazer das suas grandes dores pequenas canções aladas... provas inconscusas, uma e outra,

E A REPÚBLICA

CONCIÊNCIA — James Darcy

de que o mais belo báculo que sai das mãos do homem é o que é passado com o suor do seu rosto e as lágrimas das suas afeições...

A verdade é que toda a produção político-literária de Nabuco nequela quadra sal de uma força crepitante; é gerada — quem o diria? — na angústia e perplexidade em que se debatia a sua consciência de político, com seus deveres, seu destino e o homem, com todos os seus afetos, suas ligações no passado, seus preconceitos, a saudade do que pode ter desaparecido materialmente, mas vive e viverá sempre no 'má'; uma dessas emocionantes crises que, em alívio, porém tremendamente, revolvem e abalam todo o ser.

So, no cabo de des anos, quando a resistência a nada mais se podia apegar, dissipados, um a um, os perturbadores fantasmas que sua imaginação histórica, estética, afetiva, levantara e embargaram-lhe, de todos os lados, o passo, — afinal, como ele escreveu da princesa imperial, as vespertas do 13 de Maio "uma voz interior disse-lhe que desempenhava a sua missão a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande dever que ser cumprido".

So então cessou o pertinaz conflito interior, sinal de alma grande e profundamente humana, em que, por tão largo tempo, tumultuara.

Como é estranha em 'má' daquele porte a desproporção entre certas causas e seus efeitos!

Donde provinham, em verdade, tantas dividas cruciantes? Qual a dificuldade irreduzível, a impossibilidade que recusava a sua alegre espírito conturbado?

Haveria entre a monarquia e a república um desses abismos que não se podem transpor? Teria vivido Nabuco tão achegado ao tremor que parececesse de nostalgia do poço?

Ser-lhe-ia espiritualmente irrespirável a atmosfera do novo regime?

Não. Nada disso havia. Mas, havia alguma coisa que para certas naturezas é, como para outras e em sentido contrário, a atração do abismo.

Havia o resplendor moral que cerca os vencidos, que calram seu indignado.

Havia a imagem dramática dos velhos destruídos, nimbados no prestígio melancólico do exílio; a iniquidade da sorte; a tristeza de ver, sem protesto, as mais nobres plantas humanas impiedosamente arrancadas, com todas as suas raízes, do solo natal; havia o sentimento de que, além de muitos outros, um puro e purificado.

Possuia dizer que sintu hoje a triste consolação deste destrero na própria pátria não me dizendo republiano, o único título em nossa política que em algum dia invejou".

Apesar do desconforto com que esta conveniente declaração é, entretanto, há, nesse escrito, mais combatividade do que na "Carta ao Almirante Jaceguai". O Dever dos Monarquistas, que em 1865, toda ela repassada de funda tristeza. Ao chegar-las as últimas "Inhas, solenes, lapidárias, classicas como as dos monarcas perfeitos da grande antiguidade, vêm-nos a impressão de que Nabuco acreditava que não abandonaria mais a postura — diríamos histórica — em que ali se nos apresenta e a sua palavra reverentemente apena, dal por diante, como um puro éco do passado; "O dever dos monarquistas sinceros, quando mesmo a monarquia estivesse morta, seria morrer politicamente com ela. A nobreza que os que restam podem exercer é toda moral; e guardarem fielidade aos seus princípios e ao seu voto". Quando o convidaram durante o Império a subir outra vez ao pulpito de Notre Dame, Lacerda recusou.

Eu compreendi, disse ele depois, que, em meu pensamento, em minha linguagem, em meu passado, eu também era uma liberdade e que não me restava senão desaparecer com as outras..."

E, quando se lhe a exortação que, evocando o 2º José Bonifácio, primus inter pares, Nabuco dirigiu no glorioso marinheiro do Humanitudo: — "Cada individualida", que se ilustrou na história de um país, feia limitada, aos olhos de todos por um traço de imaginação que, como o rego primitivo das cidades antigas, lhe é quase vedado atravessar sem sacrifício" — e, depois, rememora a proa do "Barroso" como o "rostro onde a grande tradição da Marinha brasileira ha de sempre fafar ao pensamento, ao entusiasmo, ao patriotismo", dir-se-lhe que a ele, Nabuco, imobilizado já, ad letitiam, no marmore da tribuna ou abolição, ciosa da sua glória sem parihia, se endereçam as palavras fatais: tu não daras mais um passo na vida pública; tua missão política está cumprida e nenhuma outra valeria aquela...

De resto, não fora ele mesmo quem, para explicar a inação de Baquedano, durante a revolução chilena de 1891, formulara este pensamento magnífico: "Nada há que paralise tanto a ação individual como a glória"?

Sim; tudo isso é verdade, de uma alta e profunda verdade.

Mas, quem — senão Deus — conhecerá o segredo e a medida das almas? E que outro senão aquele único puder, logrará marcar limites ao destino de cada um e de todos — assim de que irrefragavelmente se cumprirão como tem de ser cumpridos?

Desde as mensagens dos céntimos que o elegeram na monarquia até os últimos apêlos isolados, a todos quantos, durante anos, o convocavam à vida política sob a república Nabuco respondeu: não; ou antes, opôs o mesmo não possuimos. Mal avisado andaria, entretanto, quem não percebesse, por sob a consciência da negativa, a tempestade que se formaria e evoluíria até tumultuar, dentro daquela alma de brasiliense, apaixonado da sua pátria. A qualidade das almas daquele quilate, ricas de tesouros ricos, traz insta a certeza do sofrimento a que não escapam, dolorosa marca da grandeza.

O depósito imenso que jaz e se renova nessas reservatórios profundos e formados da contribuição incessante de elementos de procedências variadas, não raro contraditórias: amor da pátria e admiração do mundo; severas imposições do dever político e tenores afetos cujas raízes se entrelaçam nas fibras mais intimas do coração e não se arrancam sem levá-las em pedaços; idealismo e realidade; a lição da história e a fascinação das grandes lendas; o dever e o querer, o pensar e o realizar...

Ainda, enquanto as imprudências, os erros e os crimes do novo regime davam argumentos a Nabuco para não entrar em contato com os dirigentes do momento, conseguiam abafar e conter as imperiosas prescrições da consciência que lhe não con-

sentiam quedar-se tranquilo, como espectador egoísta, à margem da coletiva, o sentimento interior sentava.

Mas, depois?

Passara o tempo da grande provação. As novas instituições tinham recebido o batismo do sangue generoso que correria em sua defesa. O último desesperado esforço contrário expirara com o sacrifício de Saldanha em Campo Osório.

Lavrada nas lágrimas de incontáveis sofrimentos, purificada, como os antigos tempos, no sangue dos mortos e feridos por elas, iluminada pe' o casto clarão das chamas do entusiasmo e da fé que a sua defesa suscitara nos ardentes batalhadores, a república, mais unida e mais bela do que se havera sem esforço, surria os res uras, transfigurada.

Por outro lado... de figuras radiantes desse passado tão próximo restavam apenas imagens dolorosas, umas curtindo ainda o seu martírio, outras chamadas já ao eterno descanso. Todos, porém, se haviam sacrificado; justa e injustamente, tinham podido.

As andanças, os impelos leoninos de Deodoro, para o fim, se haviam convertido numa tristeza sem remédio. Resignatório no poder, apagara-se, desculpado e cansado, até se extinguir na solenidade de um exílio dentro da pátria, mais impressionante que o do imperador.

Foram, inexorável na defesa da legalidade, o caboclo enigmático que rompera uma vez o seu misticismo sinistro, mimaz, para desfazer sobre o estrangeiro atônito o seu formidável "a-ha"; o conselheiro, o Marechal de Ferro, sentia evaivense-lhe as energias, dia a dia, minado por uma enfermidade cruel.

Prudente, o varão austero que presidiu a Constituinte, primeiro presidente civil da república, alvejado pelo odio jacobino, escapara da morte milagrosamente.

Campos Sales, que empreendia uma obra imensa de reconstrução nacional, pronovendo com fé, coragem e perseverança inexcedíveis, o verdadeiro renascimento do país, carregava a sua cruz entre ataques e injúrias até que, ao descer as escadas do poder, onde fora, por espaço de quatro anos, a sentinelha da honra e do crédito nacionais, na hora em que deveria receber o aplauso de palmas e fôrças, espelhasse-se, para ignominiosamente feri-lo, a Ingratidão, a inveja, a mais revoltante iniquidade.

Daviam ser argumentos suscetíveis de mover uma alma como a de Nabuco.

E o foram.

A tanta luta, a tanta dedicação, a tantos e tão sobre-humanos esforços para vencer as dificuldades de todo orden que nos poucos anos se acumulavam sobre o caminho da república e reclamavam o concurso geral, especialmente dos melhores, a todos aqueles sofrimentos, que eram do domínio público, correspondia no silencioso recesso de uma consciência vigilante de brasiliense, um drama interior de tamanha intensidade que as suas proporções não se anotavam haviam em face da grandeza das queixas, cujos papéis tinham cabido às primeiras figuras da cena política da época.

Na consciência de Nabuco as eternas interrogações retelhiam-se indevidamente, e cada vez mais eramortas. Devo, ainda agora, e depois de tudo, continuar fiel à monarquia, da qual o mal que pode restar hoje é apenas uma saudade?

Pomo, ainda assim, esquecer a monarquia que se sacrificou pela liberdade, meu ideal, meu apóstolado, minha glória?

Devo servir à república que, afinal, é o governo legal do meu país, e hoje parece nele pelo opinião?

No fundo, não sou eu mesmo, não fui sempre, um republiano?

O que me restava empreender do meu programa político, não o realizou a República? Terá errado nos meus vaticínios? Terá sido tão temerário? Terá faltado para continuar dissociado da sorte política do meu país?

Identificarei com ele não será o meu dever de alvidade, ato recente de intensa bondade recebera como prêmio a ingratidão nacional; havia uma surdade reviravolta da fortuna, em virtude da qual o imperador que, sem pai, nem mãe fora adotado pela nação, tendo como tutor o patriarca da Independência, após cinquenta anos de serviços, em que fôr, com honradez e devotamento, o primeiro funcionário público do Brasil, era arrojado a um destino incerto e miserável. Sua doce figura patrícia, mais abandonada, mais frágil ainda do que no dia em que, orlado, a nação o tomara nos braços, aparecia, de longe, errante, sua lona quixiza, eruzendo as estradas do estrangeiro, em uma figura exequiliana...

Havia uma coisa que terá nome de romantismo ou sentimentalidade, em certos casos até de suicídio, que pode ser chama de muitas manéteas e desconhecida por muita gente, mas que, para outro, é a suprema honra da nossa espécie: — a roldade-cade na desgraça.

Havia uma infinitude de outras circunstâncias; havia para uma criatura como Nabuco um mundo que para outros, talvez, não fosse...

A humanidade é assim mesmo. Muitos homens são antipódas morais, uns dos outros. Não houvesse essa extrema variedade e a Força humana não seria tão pitoresca.

Pode ser um erro político a identificação, na véspera do perigo, com o que ameaça ruir. Mas, em política, a superioridade moral é muitas vezes uma inferioridade capaz de tornar invulgar, naquela ingratidão estrária, os mais valiosos.

Felizmente, o homem verdadeiramente homem pode encontrar muitas compensações, entre as quais esta com apariência de paradoxo; um naufrágio político vir a ser uma redenção moral.

Não era evidentemente o caso de Nabuco, tratando-se do qual não seria admisível falar de naufrágio, em nenhum sentido. Mas, a sua medida era excepcional.

Ele era desse que encontram, as vezes, mais beleza na derrota do que na vitória e tinha ombros, e porte e grandeza tais que neles uma renúncia assentava com o esplendor de um marco.

Ele podia dizer, sem ser contraditado: "Durante minha carreira, movi-me sempre por algum magnete moral; meus erros foram desvios de idealização; eu nunca teria podido confessar

(Continua na página 64)

Joaquim Nabuco

O ministro Mangabeira, correndo ao leito dos livros de Joaquim Nabuco, arrancou num só lance a biblioteca do grande tribuno e do fino diplomata e homem de letras que era Joaquim Nabuco.

Foi admirável essa inspiração do ministro que assim recolhe ao Palácio do Itamarati esses últimos despojos espirituais do grande brasileiro.

Escrevi que são os seus "despojos espirituais", porque os livros representam alguma coisa das que passaram a vida a mediá-los.

— Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

O livro é esse testemunho candente da boa companhia.

Assim é que na biblioteca, feita e refeita de Joaquim Nabuco encontra a coerência e a inconsistência, ao mesmo tempo da sua vida cavalheiresca, erante e amorosa de todos os ideais da religião e da pátria.

Possso, por alguns dos seus livros, reconstituir algumas das suas inclinações e dos seus projetos que não conseguia realizar sob os muitos que faziam parte do ofício.

Em 1901 em Londres, dirigia a missão de que havia de ser diretor o rei da Itália, e sem embargo do enorme esforço que batalhou para aborver as suas forças, eu vi que ele, pouco a pouco, reunia os elementos para uma obra que desejaria escrever acerca da origem dos estrangeiros mais ilustres sobre o Brasil.

Dessa ideia que ia amadurecendo em seu espírito encontro a documentação na sua biblioteca: os viagens de Wallace, o êmulo de Darwin, os de Bates, a senhora Agassiz, o pitoresco itinerário de Gardner pelo norte de norte a sul, as narrativas de Sofy-Histre, os de Pohl, os de Wells, Kester, e tantos outros, que por aqui passaram e contribuíram no interior ou na costa marítima com a nossa gente.

Seria uma obra maravilhosa como só ele a poderia escrever com a linguagem imponiosa e a elegância do seu estilo renascentista.

Conheci as preferências de Joaquim Nabuco pelos cíclitos congêneres do seu: Chatenillard, Benjamin Constant no seu "Adolphe". Merlin e o próprio Remy, grande mestre que ele contradizia por excesso de amor e optimismo, e por excesso de dureza era Joaquim Nabuco um homem de letras.

No Acadêmico Brasileiro ele inovou o "metro" acadêmico os quarenta, com a eloquência de um orador oculudo sobre um meridiano ignoto, elido pelo envio nas sombras do futuro. A mordida encontra-se lentamente da realidade e o seu erro de cálculo cada vez mais se reduz com o correr do tempo.

Aísim, no, podemos da Heráclito inovar e mudar necessariamente, reconstituir a inanom de grande escritor, do poeta, do diplomata e do homem de escritor que ele foi.

As suas lutas peregrinas pelo Velho Mundo e pelo Américo não destruiram o núcleo mais característico dos seus companheiros de diligência e de estudo.

JOAO RIBEIRO.

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Les esprits vraiment superieurs sont des lampes toujours allumées en permanence. (P. 131)

La honte pense est triste et solitaire; l'orgueil de penser n'est que l'art de bien dire. (P. 131)

La grande pensée est solitaire, aride, comme l'âtre des aigles. C'est une douleur d'enfoncer des grands chevets. Elles sont toutes, quand elles doivent régner, le prix de la vie; et les causes de l'arroseur, pluie que du pluie. Ce n'est qu'en tremblant que l'homme peut se sentir immortel. (P. 131)

On s'arrête d'admiration devant les roses et os rosas não dão mesmo pas um regard au rosas (P. 126)

(De Pensées éteintes).

Correspondência de Joaquim Nabuco e João Ribeiro

Rio, 10 de maio 1898.

Meu caro dr. Nabuco.

Recebi sua delicada cartinha de 7 e o opúsculo da Bibl. Nacional; adiei a resposta para agora, afim de ajuizar aqui as informações que há tempos me pediu sobre algumas gravuras que passei. Eis o que eu pude indagar:

1 — **Antonio Perfetti. La Bella di Tivano.**

Há duas edições desta gravura, diferentes, ambas em gr. in-folio. A 1^a edição é de Pau. Pitti 1868; a 2^a há 3 estados. O 1^a estado é uma épreve de remarque (1). O 2^a estado é antes de toda a letra (avant toute lettre) e o 3^a est. contém as armas e nomes dos artistas.

A 2^a edição é do Pal. Sciarra Colonna. Gr. in-folio, 1^a estado (épr. de remarque), 2^a estado: nomes e armas dos artistas. O 1^a estado é de grande valor.

2 — **Calamata. La Cenc.**

Encontrei descrição numa emissão do Gonpil. 1857. Não tem estados distintos.

3 — **R. Morgan. As Filhas de Lot.**

Morgan gravou vários assuntos do Nove, mas só esse do Velho Testamento. In-fol. Tem 3 estados: 1^a estado, antes da letra (não com o nome dos artistas), 2^a est., letra aberta. 3^a estado, letra fechada (2).

O symposion de todos os dímenos estado britântico e agora mesmo incandescente com o assunto novo da guerra. A derrota da Espanha é sempre dada como certa e eu não me posso conformar com essa evidência porque eu luto por acreditar na justiça que a meu ver já desapareceu da história com o triunfo dos rudes e dos humildes. O verdadeiro drama do cristianismo começou no século XVIII; tudo quanto houve antes foi um prólogo. Se eu me sentisse cravado, estaria alegre com essa glorificação de todos os adversários que é o caráter da história contemporânea. Mas não posso conformar-me com isso, e cada vez mais me sinto obrigado a refugiar-me entre os gregos e os romanos. São eles agora os meus autores, os meus filósofos e os meus poetas.

O dente do amigo, admirador

JOÃO RIBEIRO

11, maio 1898.

P. S. — No Symposion de ontem eu levantei a questão académica de que não se devia dizer "usar bigodes", frase que estava no "Paiz" do dia e sempre ocorre nas gazetas. Todo o mundo foi contra mim e eu fui literalmente exangulado. Que poderia sustentar contra talentos tão brilhantes como os do Lucio, Jc. Verissimo, Machado, Taunay... que aqui estavam? Não pude nem saude defender-me. Mas não estou convencido. Minha pena nunca escreverá semelhante frase — usar bigodes! Ao meu parecer, se usam colas poéticas; mas aquilo que é orgânico, nasce em nós, é do nosso corpo ou da nossa alma, pode ser objeto de uso? O uso deve estar no alcance de todos. Mas poderia uma criança ou uma mulher usar bigodes? Acho a expressão repugnante e ilógica.

Fora dessas coisas intelectuais, não tenho nenhuma notícia a dar-lhe. A política continua sempre a mesma, isto é, absorvida a regular os interesses da confraria numerosa e faminta; neste sentido eu acho que ela, ao menos entre nós, não passa de um socialismo imperfeito, isto é, vive dos seus empregos e vive para eles; a única

(1) Em gravura, uma épreve de remarque é aquela em cuja margem (fora da gravura) ocorre uma gravidez de detalhe, um emblema ou qualquer figura gravada. Era uso antigo e o artista que assim assumiu seu nome, não raro, a modo de ensaio. Esses estados são sempre de muito valor e raridade.

(2) Letra aberta (lettre ouverte) designa aquela que foi traçada o contorno, por exemplo, A, B, etc. Letra fechada é o contrário, como se vê em A, B, etc.

subdoria da república foi quadruplicar os empregos e por si aumentar o seu exército em pé de guerra.

Ainda uma vez adeus. Muitas saudações minhas e de todos. J. R.

*

Rio, 10 de março de 1899.

Caro dr. Nabuco.

Acabo as minhas sinceras felicitações pela sua nomeação.

Não sei dizer-lhe o prazer que me causa essa escolha tão feliz e tão digna.

Saudações do amigo afetuoso

JOÃO RIBEIRO

*

Exmo. sr. dr. Joaquim Nabuco.

Saudações.

Não me é possível comparecer a festa que os colaboradores da "Revista Brasileira" consagram a v. ex. em sinal de afetuosa fraternidade que a todos nos une.

Nada me doi tanto como essa involuntária omissão, que entre tanto espero e desejo resgatar noutro momento e por outra forma.

De v. ex. amigo

JOÃO RIBEIRO

Rio, 1^a de maio de 1899.

*

Londres, 7 de novembro de 1900.

Meu caro amigo sr. João Ribeiro.

Com que prazer teria eu arranjado a sua vinda para esta comissão, ou missão, se o senhor mesmo não me tivesse mandado por nosso amigo Graca Aranha uma recusa preventiva formal! Depois as coisas tornaram outra feição e neste momento não vejo como poderei eu satisfazer um desejo que nutro desde o princípio. Não me zanguei com a proibição que mandou. Ninguém melhor do que eu conhece os elementos que concorrem para tornar o seu talento tão interessante e tão cheio de mistério e de nuances, e para mim, dentro da amizade e da simpatia que me tem mostrado, o senhor tem todos os privilégios.

Creia que, se sua proibição não intervier de novo, terá grande prazer em conspirar com o senhor para uma nova fuga sua à Europa, ainda que por pouco tempo. Por pouco tempo, é mesmo como deve ser sempre.

Não sei para onde mandar-lhe diretamente esta carta. Recorro por isso ao intermédio do mais amável dos homens, o nosso Paulo Tavares.

Diga-me o que está agora fazendo e o que é o seu ritmo e o prenda. Muito lhe agradeço a remessa do seu precioso livrinho e a parte que nele me dria.

Creia-me sr. muito afetuoso —

Joaquim Nabuco

Ainda não lhe mandei "Minha Formação" por causa do endereço que me falta.

*

Rio, 10 de dezembro de 1900.

Meu caro amigo dr. Nabuco.

Li e reli a sua esperada carta de 7 de novembro que tão agradável me foi.

Tem, na verdade, o dr. todos a razão contra as minhas incoerências. Com os meus amigos sou eu facilmente quem nunca tem razão. Mas como poderia ser de outro modo? Todos eles me são de muito superiores.

Passe por alto sobre essas volubilidades com essa grande condescendência que já entrei na sua vida e nas suas obras.

Não me fale, porém, de proibição ou recusa preventiva da minha parte. Teria eu o direito de fazê-lo? Ficou sempre entendido que era eu quem pedia ou cessava de pedir.

Para a diplomacia creio que não servirei nunca; para uma comissão de pouco tempo e modesta posso ainda servir. E creio que será este o caso.

Não hesite um momento em conspirar comigo, como basta dizer, para minha nova fuga à Europa. Como sul-americano, agradam-me as conspirações,

gôes, com ostracismo — e na minha qualidade de lusitano estou sempre pronto para as circumavegações...

Não são pois desejos nem disposição que me faltam.

Ando por aqui muito desempregado e sem fazer nada. E como não há nada que ver, o tédio reflete-se e multiplica-se ao infinito como entre dois espelhos. Pela ausência desses dois termos da vida, planejei um livro "Nem eu nem o mundo". Mas não passei do título; e com razão, porque o livro deve ser em branco.

Não crece enviar-me a sua poética Formação. Não deverá ter al muitos exemplares, al onde lhe serão preciosos e muitas bastantes. Já a li na Revista e reli agora na edição completa. Ficou-me é dizer o que penso de tais páginas que boleiam como se fossem vivas; o senhor é sempre excelente ou num livro ou numa simples frase; algumas destas podiam ser incriminações.

Muitas das seus pensamentos andam al aguados, incômodos e diuidos por mim e por outros dos seus epígonos e maus discípulos — mas a critica sabe o fundo onde estão os cristais verdadeiros.

Ontem, domingo, fiz crismar três filhos. Conquistando eu não tenha religião conhecida, e dela só me calha a parte que anda no ar e cabe a todos, senti uma grande alegria e satisfação que me apraz comunicar-lhe.

Não quero mais furtá-lo de mim nisso... e me despeço pedindo que disponha do Amigo obscuro e obg.

JOÃO RIBEIRO

O meu melhor endereço é a Livraria Cruz Coulinho R. de São José, 76 — que foi a editora do meu último livro e onde tenho negócios.

Os amigos, Gracis, que está em férias, e Cunha, Quittanda, 24, ainda servem. O José Verissimo denunciou-se de "Diário Oficial" de modo que não há mais, de momento, ponto de reunião dos acadêmicos.

*

Marselha, 25 de junho de 1901.

Amigo exmo. dr. Nabuco.

Muitas saudações. Passei tão rapidamente pela Europa do Norte que perdi a ocasião de ir a Londres, onde desejaria cumprimentá-lo.

É que conforme expliquei em carta ao Graca Aranha, já não posso viajar só e longe da Família, de modo que reduzi essa excursão a um vol d'usine.

Mantenho a esperança que a sua bondade me proporcionará, de voltar um dia se me forem concedidas as vantagens essenciais para que me move na minha área com todos os meus. Talvez seja isso possível mais tarde. Pode ser que vague qualquer consulado, não longínquo, e a lembrança do meu nome por sua boca seja decisiva.

Continuo lá-bas sem fazer coisa alguma, mas sem desgosto. O que faz mal no Brasil é a monotonia e a perpetuidade para quem tem qualquer sentimento de artista ainda que embrionário.

Adeus, sr. dr. Nabuco; de longe acompanho a sua carreira e peço-lhe que disponha para o que quiser do

Admirador amigo obg.

JOÃO RIBEIRO

*

Rio, 28 de março — 03.

Caro amigo dr. Nabuco.

Tive hesitações em começar esta cartinha que estou escrevendo por se tratar de questão de interesse muito pessoal.

Vai para uns três meses que formulei no Barão do Rio Branco o pedido de um consulado, sem designar lugar; — e tão mal a gente se conhece a si própria que não sei dizer, em verdade, de que modo teria sido recebida a minha pretensão.

Estou, porém, que em qualquer caso não lhe devia ocultar ao amigo polo poder ser que não lhe seja importante e antes sei

que lhe será agradável auxiliar-me naquela pretensão.

Conheço as minhas falhas, mas não hei de argumentar com elas para me fazer mal a mim próprio. E contra elas haverá talvez algumas compensações mais sólidas.

A verdade, sem lamúria, é que muita mais que pessoal, é esta questão aliquid ultra e visto sempre os meus filhos que são cíntico já, e não os posso educar...

Aqui nada há que eu possa querer, maximamente agora com as razões, pois, da física e da metafísica, me fiz pretendente...

Não designei, nem podia designar, o consulado que me convinha. Excelto as duas Américas, qualquer lugar secundário na Europa, como, por exemplo, Trieste, me serviria cabalmente e até preferentemente a outros. Seria tão despidão que envolveria o Brasil em Marselha ou em Marsegla?

Espero, pois, que o meu caro amigo me recomende (escrevendo diretamente) ao Rio Erancé, e diga bem do seu próximo conselho mandam os Evangelhos.

Estou avisado para receber um exemplar de sua Memória; mas não foi ainda distribuído. Daqui lhe agradeço a lembrança.

Minhas respeitosas saudações à s. exma. senhora e disponha do obscuro amigo.

JOÃO RIBEIRO

*

Canes, maio, 21 — 1903.

Meu caro amigo.

Quisera lhe auxiliá-lo na sua pretensão, mas com que peso faria! Devo o favorecer a s. exma. e para quem tem saude, e é um mestre, desterrá-lo, sobretudo com filhos, é sempre um erro, porque não há terra tão boa, tão doce, tão generosa como a nossa. O seu lugar é ali. A utilidade e a originalidade da sua feição literária em parte alguma seriam tão bem apreciadas, e em qualquer meio que não lhe fosse inteiramente simpático e, deixe-me dizer-lhe, vassalo seu, degeneravam, desviais-se, atrofiam-se. Falo pelo seu papel, que será muito grande ali, e os filhos? Como crescem elas sem raízes, sem expansão exterior, sem relações naturais, sem as inúmeras reações da terra natal sobre o desenvolvimento harmônico e a personalidade nacional, racial, de homem?

Confie na conquista que o seu talento há de por fim fazer de todos, como já fiz dos que tem a intuição do que é grande e singular sem que a nomeada primeiramente a deserte. Uma carta minha ao Rio Branco de nadia valeria, onde a sua aspiração não bastasse por si mesma. Ele é ambicioso de agradar aos homens que representam, como o s. exma. e suma e o cume da intelectualidade brasileira. Para mim, porém, seria uma extraordinária violência escrever-lhe naquele sentido. Não quiseria ser cúmplice nessa exploração, nesse atentado contra as nossas letras, e o nosso pequeno patrimônio intelectual. Se uma carta minha servisse, esta serve, mas, pelo amor de Deus, não a mostre, não me associe a esse banimento, que por ser voluntário é ainda mais odioso para o governo que se submeter a ele. Se quer sair do Brasil, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram uma das superioridades e o orgulho da nossa terra.

O Graca escreve-me sobre a sua colaboração no "Correio da Manhã" e sobre a reação chinesa portuguesa de que levantou a bandeira. Suas opiniões são estadas de espírito, e por isso no futuro far-se-á no futuro, (sic) uma vez produzidas duas elas, o mais sedutor dos diálogos, umas argulando e respondendo as outras, todas com a vantagem do seu talento.

O Graca escreve-me sobre a sua colaboração no "Correio da Manhã" e sobre a reação chinesa portuguesa de que levantou a bandeira. Suas opiniões são estadas de espírito, e por isso no futuro far-se-á no futuro, (sic) uma vez produzidas duas elas, o mais sedutor dos diálogos, umas argulando e respondendo as outras, todas com a vantagem do seu talento.

Do seu amigo e colega af.

JOAQUIM NABUCO

*

Rio, 20 de junho, 1904.

Caro amigo dr. Nabuco.

Este vai como outras muitas que terá recebido, para dar-lhe uma prova da simplicidade que aqui foi universal pelo seu esforço e pela beleza da sua posição, na questão da Guiana.

Não é pois uma impressão banal, nem sequer minha, a que exprimo; por toda a parte, na rua, no bonde, nas escolas, entre todos os grupos de homens que conheço, frequento ou ouço, vi e ouvi e senti o que é a paixão ao patriota e ao grande brasileiro.

Considero, pois, que foi um triunfo e causa igual contente que nem esperava ver e, de fato, nunca vi.

Aqui estou como sempre, seu admirador e seu obscuro amigo.

Abrace ao

JOÃO RIBEIRO

*

Caro amigo dr. Nabuco.

Esta vai como outras muitas que terá recebido, para dar-lhe uma prova da simplicidade que aqui foi universal pelo seu esforço e pela beleza da sua posição, na questão da Guiana.

Não é pois uma impressão banal, nem sequer minha, a que exprimo; por toda a parte, na rua, no bonde, nas escolas, entre todos os grupos de homens que conheço, frequento ou ouço, vi e ouvi e senti o que é a paixão ao patriota e ao grande brasileiro.

Considero, pois, que foi um triunfo e causa igual contente que nem esperava ver e, de fato, nunca vi.

Aqui estou como sempre, seu admirador e seu obscuro amigo.

Abrace ao

JOÃO RIBEIRO

*

Caro amigo dr. Nabuco.

Peço-lhe que obsequie-me com os meus louvores ao Graca Aranha, que aliás conta por aqui que deve em pouco voltar ao Brasil.

J. R.

Londres, 10 de abril — 1905.

Meu caro amigo.

Muito lhe agradeço os seus parabéns e o petulante autógrafo que me mandou no "J. Volume" das minhas "Obras" aos 15 anos. Onde o foi descobrir? Essas traições são das que justificam o antigo voto: "Livre-me Deus dos meus amigos que meus inimigos me livraram!" São os amigos que conservam tudo que pode um dia nos fazer mal. O senhor, porém, é um amigo de quem não é preciso gente lhevar-se e que, pelo contrário, corrige as traições dos outros.

E como vai? Não tenho notícias suas, nem diretas, nem indiretas há bastante tempo. Não o creio consumido pelo fogo safrado, mas antes deixando as impressões da vida o apagarem pouco a pouco. Há um certo pessimismo no seu modo habitual que me faz recuar que seja esse o caso. Agora uma viagem me parece um refúgio. A morte das ilusões atua sobre as fontes do talento genial como a destruição das matas sobre as águas dos rios. Nesse caso, é o caso, uma viagem à Europa (aconselho a Sicília) é atraída o efeito das chuvas no verão, fará reviver aquelas ilusões, evitando assim a desolação moral da seca. Ou, pelo contrário, esta carta a encontra em pleno otimismo, em plena renovação! Deus o queira! Sabe que o que o inscreve muito alto na nossa ativa intelectual.

Do seu muito sinceramente

Joaquim Nabuco

*

Washington, 5 dez. 1905.

Meu caro amigo.

Muito lhe agradeço os seus volumes. Agora chega-me "Páginas de Estética". Há sempre nelas um bombar para mim. Criei-me, não tenho tempo para ler senão a sorriso, mas espremendo os que são antes uma privação do que um gozo. Mas é que o senhor é desses a quem o leitor se tem que dar por inteiro, sem nada reservar do seu tempo, da sua atenção, da sua emoção, e lá assim é coisa que há muito me é proibido. No fundo, isso é trocar a própria natureza e alma pelo de autor que nos fascina. O scritor a cada instante está trovando a sua com a dos seus autores favoritos para a rehaver logo depois mais rica, mais disposta a criar, mais vibrante e mais imaginativa. Isso na minha estação da vida causa-me muito. é uma infidelidade ao meu ideal que devo tornar exclusivo, mudando-o entre as minhas quatro paredes. Sabe quanto a admira.

Do seu muito afetuoso

Joaquim Nabuco

*

Telegrafo — Urbano, 17-10-1906.

A. Joaquim Nabuco — Hotel dos Estrangeiros.

Saudações íntimas pela sua

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES:

Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

3 Jan. 1902.

52, Cornwall Gardens estou disposto a tirar nova
copia das copias de Lisboa para
imprimir.

Meus caros Dr. Graça,

"Felic Pariz!" é o que te desejou
eas seu amavel bed-fellow. *
nas suas indagações tinha em vista
a importancia da pressa invariavel
de serem os livros impressos, como
jornais, da noite para o dia, e
que a maior parte da impressão
seria por enquadros em Portuguez.
Ja agora para a documentação ou
adoptar a forma "blue-book" para
haver uniformidade com os volu-
mos ingleses e pela quantidade de
materia, desde que o documento
tem que ser produzido na integra.
Conveni garantir-se também que
os documentos me serão enviados
tão limpos como eu os mando. Não
tão limpos como eu os mando. Não

Desejo que acabe Chanaan

e também que o sucesso "ad o
inflamme para outra empreza
igual em quanto ao trato acaba-
do Rio Branco! Seu amor que
me levo o Sr. não aconselharia
ao futuro, se eu ficasse extin-
do na estrada pelo peso da carga
atéia. Faria forças portanto para
fôr a sua Secretaria ampe' da
guerra. De outra forma se o
entarei na Serra da Promissão.
Ticarai, como daria o Machado,
na da Pro-Missão.

Afectuosas recordações ao Domi-
nio e ao Delgado.

Seu de corações

joaquim nabuco

chegada nesta terra que o
adora.

JOÃO RIBEIRO

* Rio, 1º setembro — 66.

Caro dr. Nabuco.

Recebi há poucos dias o seu
grande livro que já li, estou re-
lendo, e hei de referir sempre,
porque de cristal como é, ha
sempre entelhas novas a cada
luz que se mira. Não o relia
na hora melhor porque es-
tava vivendo num crepúsculo,
adoecido como ando, com a
mácula mal feita e abalada.

Daí, como V. diz, fez
do fio, même avec le parfum
des roses.

Uprovei para o Almanaque
Garnier de 1908 (que estou di-
tribuindo e cujos originais se di-
vulgam preparar no mês próximo)
uma rosa sobre sua obra
que tão cheia de primores.
Um transcendente de ideias
profundas e infinitas... Con-
fesso que não posso ir tóvel-
xar donde elas vêm e fio onde
me surpreende a primeira ver-
tura.

A princípio, com alguma pro-
vocação, não posso de ver o seu
livro escrito em francês, mas
devo confessar o meu erro; nem
perspectivas de conjunto. Não
a nossa língua nem o nosso
país, todo debaixo do sol, te-
m abundância de sombras es-
mal, com um fio de vida...

enciais a tão delicados mat-
tes.

No seu livro eu vi flores de
neve e ouvi o rouxinol.

Por este prazer, aperta-lhe a
mão o agradecido amigo

JOÃO RIBEIRO

* Rio, 20 Junho de 1908.
Grande amigo dr. Joaquim
Nabuco.

Passando, ontem, pelo Gar-
nier recebi um número do
"Washington Post", que me
mandou. Já antes havia lido e
releio a sua admirável confe-
rência de Yale sobre o Camões
Esperai-a para o futuro Al-
manaque Garnier. É uma das suas
melhores páginas... e quase
todas, senão todas as que es-
creve, me parecem melhores.

E' que o seu pensamento tem
sempre uma dimensão que nes-
outros não temos, que é a pene-
trante assimetria tanto para o
passado como para o futuro.
São esses longos e excessivos
planos distantes que ninguém
tem por aqui.

Resolvi, depois de alguma be-
sitação, mandar-lhe um livro
meu de agora. Frases feitas, li-
livro escrito em francês; mas
muito miúdo, enfadonho e sem
louvor o meu erro; nem perspectivas de conjunto. Não
a nossa língua nem o nosso
país, todo debaixo do sol, te-
m abundância de sombras es-
mal, com um fio de vida...

Vários exemplares já haviam
ido enviados para si, mas para
especialistas: H. Lang, de Yale; H. Bennett, de Filadelfia, e V.
Elliott, de Baltimore. Não quis
mandar-lhe o no primeiro mo-
mento, pela conclusão a que
cheguei de que seria inutil. Afir-
mou-me em ultramarista,
mas ainda tenho a ver-
gonya desse destino final.

Lembranças de todos de cá
que não cessam de admirá-lo e
estuda-lo.

Um abraço do

JOÃO RIBEIRO

* Hamilton Mass., 14 de julho
1908.

Meu caro amigo.

Uma palavra em sua carta
deixou-me preocupado: — que
está preso à vida por um fio.
Os dentes enganam-se sempre
no cultivo da vida, e muitos
que se acreditam por um fio,
estão amarrados a elas por gros-
sos cabos. E' esta a minha con-
victoria a seu respeito. Em nada

em 1906 no Rio se diferenciava
o meu "espanhol" de Paris,
anos atrás, nem de companhe-
iro da "Revista", ainda mais
longe. Por um livro que me
mandou o José Veríssimo vejo

natural que ainda vivo, ainda
que entre os dois não tem ha-
bito boa camaradagem. Verda-

deiramente sinto ver essa bat-
talia no nosso Olimpo tornada
pública. Entre parêntesis, o Ver-
íssimo trouxe uma frase do Sil-
vio Romero oferecendo-me um
de seus livros. Devo pols tê-la
mostrado, a ele ou a outros.
Mas creia que o fiz não para
triunfar, sabe que não sou um
mecio; mas para mostrar o
meu respeito por tão honesta e
generosa manifestação de sim-
patia. Realmente muito a
apreciei.

Espero com ansiedade o seu
livro. Não creia que posso nun-
ca ser rastelio.

Même quand l'oiseau marche,
on sent qu'il a des ailes.

Muito me desvanece a sua
opinião sobre a minha Confe-
rência de Yale. Não me mande
mais o Almanaque Garnier des-
te ano. Ainda é tempo de Gar-
nier se lembrar que eu sou um
dos constantes afluentes, ainda
que pequeno, do seu grande
ramo brasileiro.

Apesar do calor temido que ir-
á em 23 de agosto pronunciar a
"Convocation Address" na Uni-
versidade de Chicago. Como ve-
as Universidades me estão tra-
tando muito bem. Quando te-
remos a primeira ali?

Creia, meu caro amigo, que
nem eu posso admirá-lo mais do
que entre os dois não tem ha-
bito boa camaradagem. Verda-

3 Jan. 1902.

52, Cornwall Gardens.

Meu caro Dr. Graça,
"Feliz Paris" é o que lhe de-
sejo, e ao seu amavel "bed-
fellow".

Nas suas indagações tenha
em vista a importância da pressa
imediata, de serem os livros
impressos, como jornais, de no-
ite para o dia, e que a maior parte
da impressão será por en-
quanto em Portuguez.

Já agora para a documenta-
ção vou adoptar a forma "blue-
book" para haver uniformida-
de com os volumes ingleses e
pela quantidade de matéria,
desde que o documento tem que
ser produzido na integra. Con-
ven garantir-se também que os
documentos me serão enviados
tão limpos como eu os mando.
Não estou disposto a tirar nova
cópia das cópias de Lisboa para
imprimir.

Desejo que acabe "Chanaan"
e também que o "successo" ad o
inflamme para outra empreza
igual em quanto ao trato acaba-
do Rio Branco! Pelo amor que
me "feve" o Sr. não se consolaria
ao futuro, se eu ficasse estendido
na estrada pelo peso de carga
atéia. Ganhe forças portanto para
fôr a sua Secretaria ampe' da
guerra. De outra forma se o
entarei na Serra da Promissão.
Ticarai, como daria o Machado,
na da Pro-Missão.

Afetuosa recordações ao Do-
mício e ao Delgado.

Seu de coração

JOAQUIM NABUCO.

Antecipação da posteridade

(Continuação da página 55)

influência, a sua ação forma-
tiva, reparadora, em todo o ca-
so conselhador, em nossa vida
pública e em nossos costumes
nacionais, no fundo transmis-
sível da sociedade".

Foi todavia uma brillante
ocasião, cheia de curiosidade
e estudo; não foi a adolescên-
cia entregue, sem freio, no ar-
rastamento da ambição e da
audácia.

Quanta advertência, quanta
lição proveitosa à vida públi-
ca, ao mesmo tempo para os
velhos que se pejam de bater
nos peitos, renunciando os er-
ros inevitáveis e para os novos
que presumem demais, com
ingênuo e ilimitada confiança,
da "infabilidade" dos seus ver-
des anciãos!

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Il n'y a que deux sources d'ins-
piration et de poésie pour l'homme:

Dieu et la femme (P. 97).

Les livres des jeunes plaisent
comme un beau matin, mais les
livres qui façonnent sont l'oeu-
vre de la vie vécue (P. 118).

Le monde est aux ambitieux,
mais la vraie ambition sera un
jour d'être humble (P. 122).

(Do Pensées d'clarification)

o seu pensamento. E' um caso
de simpática intelectual mais
que outra coisa, mas o senhor
e o Graça são do metal de que
se eu não fui, quisera ser feito.

Todo seu muito sinceramente

J. Nabuco

Garde para si o que lhe digo
sobre a citação do Veríssimo.

(NOTA — As cartas de Nabuco
a João Ribeiro pertencem ao ar-
quivo deste escritor. As de João
Ribeiro foram-nos cedidas, em
copia, por gentileza de D. Car-
los Nabuco. — M. L.)

UMA APRECIACÃO sobre "Autores e Livros"

Menotti del Picchia, o brilhante poeta e prosador paulista, está escrevendo para as colunas de A MANHÃ uns adoráveis artigos. Traemos os que segreda, se dissermos que é ele aquela interessante moça "M", que assina as crônicas da seção "Do Planalto". Na quinta-feira dia 10 do mês passado publicou Menotti del Picchia uma formosa página a propósito de AUTORES E LIVROS. E é com prazer que lhe aqui a reproduzemos.

És a página de Menotti del Picchia:

S. PAULO, 9 — Há dia 8 sr. Mário Leão publicou o índice do suplemento literário da A MANHÃ. Encerram, assim, a primeira série de notáveis estudos e documentações bibliográficas e iconográficas de alguns espiritos que ficam na história do pensamento brasileiro como seus maiores mestres.

São Pauli acusou-o com exaltado e exótico do jornalista ilustre, do crítico e do acadêmico. Considerou, por acaso, os muros nova folha do interior, lemos ali, escrito por um jovem bandeirante, um árduo dínamo ao trabalho do sr. Mário. Vinda o exerto cheirando a café em casa e as calidezas das fadengas paulistas. Ademais, uma rara eloquência desse artigo e, para nós, teve nova significação do que um florido elogio que lhe fizeram de uma celebra da Casa de Mafra, os sr. Ribeiro Couto e Ruy Queiroz Pinto. Vamos dizer porque.

Apesar das atrocidades da guerra, do estridor das bombas, das escoriações, destruições das artes, queimadas dos estúdios, a guerra filigrana de Bittac, de Ruy, de Euclides, de Castro Alves, de Varella e tantos outros, quando é insomne, sonolhador, volta para o solar a ordem da dia. Quando a gente imaginou que o sonho aberto dos artistas fizera morto e nubilo, couve um balão varado por um tiro anti-aéreo, lá

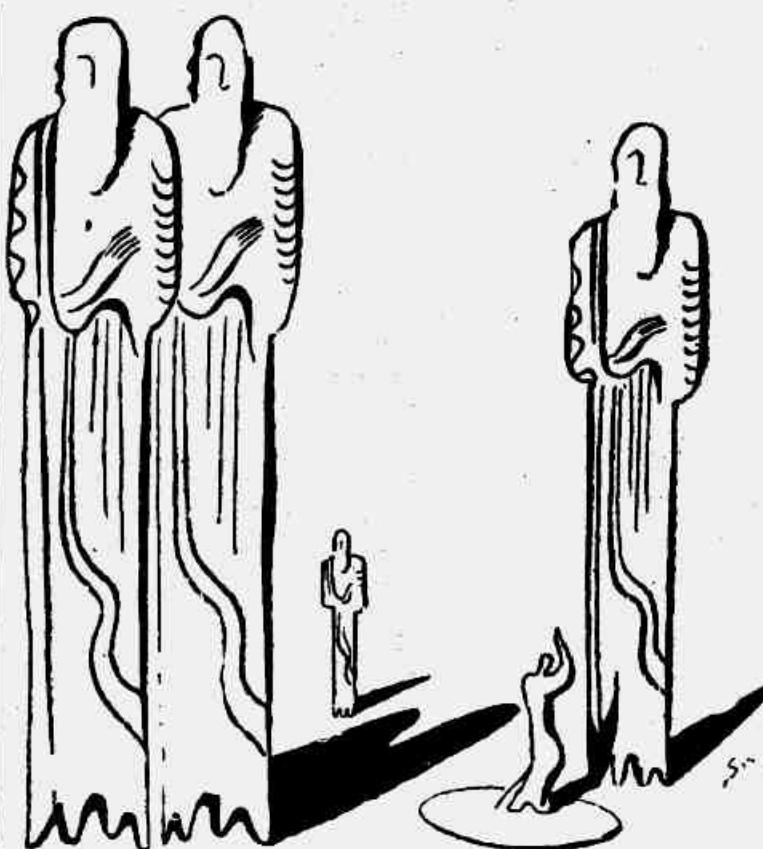
do fundo da terra ergue-se um grito jovem, espontâneo, aplaudindo as realizações do espírito. Isso quer dizer que não triballaram em vão os que deram ao Brasil a força imortal do seu pensamento.

É possível que no tempo em que Vicente de Carvalho peregrinou por este mundo, houvesse zugueiros mais populares que o criador dos "Poemas e Canções". É possível que então, da estridente tribuna do parlamento, houvesse um desmogo que concentrasse as atenções nacionais com o tremendo fogo de farragem das suas arengas opositórias. O certo, porém, é que o nome do zugueiro e a fama escrônica do liberalão foram carreadas pela encurrada do olho. Deles nada resta em nossa memória. Os nomes dos criadores da beleza, porém, estão, ai presentes, operantes, inspirando as gerações novas, obtemendo delas a homenagem que sua glória merece.

Quando os maus ventos do destino virem da terra nações que atingiram o topo do seu esplendor económico, desses países restam ruínas e cintas. Uma coisa, porém, não morre, a força imortal do seu pensamento. A Grécia, Roma, a França, hoje esmagada, todos os povos que atingiram uma culminância espiritual, sobrevivem na obra dos seus artistas e dos seus pensadores. Um fragmento de Calino, uma estrofe de Alceu, um distico metafórico de Tirtius ou uma ode de Pindaro, recompõem todo o fulgor de uma cultura e garantem a imortalidade de pátrias destruídas pela colônia e pela força.

Al está o que nos dia o artilhário do jornal do interior sobre o generoso e patriótico esforço do sr. Mário Leão, ao qual Cassiano Ricardo deu todo o apoio. Esse acadêmico devotado vai "fazendo Brasil", um Brasil vivo e eterno, com

S O Z I N H A



**FU ESQUÉCI A SENHA DO ANJO
PERDIDA, PERDIDA EM MIL CAMINHOS
QUE DÃO SEMPRE NO MESMO LUGAR
LUGAR DE PAISAGEM IMUTÁVEL
COM CRIATURAS PETRIFICADAS
TALHADAS TODAS IGUAIS**

S A R A S O U S A

essa paciente obra de divulgação mais ampla e mais popular dos nossos valores.

É inútil dizer que as edições de A MANHÃ esgotam-se em São Paulo. São Paulo não

constrói apenas 4 casas por hora e não movimento apenas, no seu felicíssimo parque industrial, trezentos mil operários. São Paulo orgulha-se do Brasil e do seu alto e nobre pensamento, lê e aplaude iniciativas destinadas a mostrar que na terra do algodão, do café e do açúcar, "não só de pão vive o homem".

O "INTERMEZZO", de H. Heine

13

João Ribeiro.

Envolve-me, ó lindo amor,
Cinge-me bem em teus laços...
O vulto, as pernas, os braços,
Tudo me oprime em redor.
De modo que à sábia gente
Ocorram similes vis:
— Tu — a infinita serpente
Eu — o Laocoonte feliz.

14

Raul Pompeia.

Oh! não, não jures; basta que me abraçes...
Não creio em vãos protestos femininos,
Tua voz é suave... Inda mais suave
E' o teu beijo, o beijo que eu roubei-te.
Eu te posso... e sei que falso canto
E' a voz... Tua voz...

Não! Jura-me querida,
Ainda! ainda! sempre! amor protesta!
Eu creio em ti! Dize uma só palavra!

Contra o teu peito a fronte repousando
Eu sou feliz e creio na ventura!
Creio que me amas; creio que hás de amar
Alem da morte... sempre... eternamente.

15

João Ribeiro.

A' breve boca fiz-lhe a terza rima,
Aos seus olhares fiz uma canção...
Compuz depois uma ode peregrina
A' sua face fria.

Mas que poema eu faria

Ao coração, se nela houvesse um coração.

16

Rodrigo Otávio.

O mundo é cégo, é parvo o mundo
E mais bronco se torna dia a dia,
Pois, pensa a teu respeito, erro profundo,
Que tu és de índole bravia.

O mundo é parvo, é cégo o mundo,
Nem ele saberá jamais, querida,
Como o teu corpo é de prazer fecundo...
Como os teus beijos me dão vida.

17

Silva Ramos.

Tu vais dizer-me, ó bem amada,
Em confidência a mais discreta;
Acaso és tu visão sonhada,
No estivo ardor, pela abrasada
Massa do cérebro do poeta?

Não! Boca assim tão pequenina,
Olhos de um brilho tão vivaz,
E a ti tão bela, da divina
Beleza amavel da menina,
Ah! isso o poeta, não, não faz.

Dragões, vampiros, bestas-feras,
A história natural completa
Dos falsos monstros de outras eras
Pode criá-los, vãs quimeras,
O ardor de um cérebro de poeta.

A ti, porém, e a tanta graça,
Teu malicioso olhar mordaz,
Em que a perfídia ao rir se enlaça
Ah! isso não; por mais que faça,
Ah! isso o poeta, não, não faz.

